

CELULOSE & PAPEL



BNDES

**projeta maiores verbas
e mantém prioridade do setor**



**Aracruz
dá partida em
nova unidade**

PROJETOS
SOCIO
AMBIENTAIS
INTERNATIONAL PAPER



QUALIDADE DE VIDA SAINDO DO PAPEL



LeadMart

Do Paraná ao Amapá, a International Paper do Brasil exerce sua maturidade empresarial.

Tem fábricas e florestas cultivadas e integradas.

Milhares de funcionários vivendo e trabalhando em dezenas de comunidades urbanas e rurais.

Às comunidades ela dedica seus projetos socioambientais. Os resultados são para um mundo melhor.

Grupo International Paper do Brasil



www.internationalpaper.com.br



Para Que Serve o Governo

Boris Tabacof *

M

um País com características sócio-econômicas como as do Brasil, a finalidade essencial da ação governamental consiste em criar condições para reduzir a pobreza e as cruéis desigualdades entre pessoas, comunidades e regiões.

Essa preocupação social já constitui hoje um ingrediente importante até mesmo das reflexões e recomendações do FMI e outros ortodoxos órgãos internacionais de financiamento.

A sociedade brasileira reclama atualmente um substancial reexame dos objetivos governamentais, de modo a balancear conquistas inegáveis, indispensáveis e fundamentais já alcançadas – como moeda estável, crédito internacional e boa imagem – com aspectos sociais relevantes, que se resumem na redução do nível de pobreza.

Mas, para surtir frutos concretos e duradouros, essa evolução não pode ser alcançada por sendas populistas ou por um estado paternalista. O caminho correto, na verdade o único, é a promoção de pré-condições para o desenvolvimento econômico, de forma a gerar oportunidades de trabalho, assegurando-se também a educação e a saúde da população.

Para agregar sua contribuição a esse grande debate político-econômico, no momento em que os brasileiros se preparam para eleger um novo presidente, a FIESP, liderada por seu presidente Horácio Lafer Piva, lançou uma proposta de governo, que espera receber contribuições dos vários segmentos da sociedade, em todo o País, para discutir com os candidatos a visão de cada um e a formulação de programas que incluam os objetivos considerados prioritários pela sociedade.

Condicionantes macro-econômicos para o desenvolvimento sustentável; a revisão do padrão de financiamento da economia, combinando crédito com menores juros e o desenvolvimento do mercado de capitais; a construção da competitividade com inovação; e ações de desenvolvimento específicas, destinadas a impulsionar firmemente a transformação do Brasil, são alguns dos principais aspectos constantes da proposta da FIESP.

Mas a filosofia que sintetiza a proposta em seu conjunto – e que na verdade demonstra para que serve um governo – está contida na seguinte frase, que encerra o documento da FIESP e que a Bracelpa subscreve: “O povo brasileiro, tolerante e solidário, é a fonte básica de fibra e de energia para vencer os grandes desafios – pobreza, exclusão, falta de competitividade, inépcia do Estado. É possível construir um caminho, sustentável, de progresso social tendo como base a competitividade (não como fim, mas como meio)”.

*Boris Tabacof,
presidente da
Bracelpa*



A revista **Celulose & Papel**
é órgão oficial da Bracelpa -
Associação Brasileira de
Celulose e Papel

Rua Afonso de Freitas, 499
CEP 04006-000 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3885-1845
<http://www.bracelpa.com.br>

Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pires
Alfred Freund
Leomir Trombini
Mário Higinio Leonel
Ruy Haidar



Não contamine
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada pela
Unipress Empresa de Comunicação
ISSN 0102-5279



Diretoria

Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

Diretor de Redação e Editor

Reginaldo Finotti

Redação

Eliane Barbosa
Simone Feliciano
Vanessa Cecília da Silva

Fotos

Alex Silva
Divulgação

Arte e Editoração

Ricardo Nabarrete

Publicidade

Rosa Murillo

Relações Públicas

Lina Carla Finotti

Redação, Administração e Publicidade

Avenida Paulista, 2006 - 11º andar
Conj. 1109 - Fone/Fax (11) 251-1122
CEP 01310-926 - São Paulo - SP
redacao@unipresscomunicacao.com.br

Fotolitos e Impressão

Studio A

Esta revista foi impressa com papel Ripasa a partir de eucaliptos plantados nos seus parques florestais.

BNDES confirma investimentos para o setor

A operacionalização de grandes projetos e implantação de novas fábricas de celulose e papel, indicam que o mercado deve apresentar maior demanda. A estratégia de crescimento do setor possibilita a confirmação de investimentos, vindos do BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Social, da ordem de R\$ 5,7 bilhões para os próximos anos.

6

Crescimento a todo vapor

A Aracruz Celulose, maior produtora mundial de celulose branqueada de eucalipto, a despeito dos cenários econômico e político, segue seu cronograma de crescimento a todo vapor. A Aracruz pretende dobrar a produção para 4 milhões de toneladas nos próximos cinco anos por meio de projetos de expansão e aquisições aqui e no exterior, abrindo espaço para maiores vãos internacionais.

12

Governo reduz gravames para produção de papel imprensa

Governo libera produtores de papel imprensa do recolhimento das contribuições sociais PIS e Cofins, para as indústrias que se instalarem no Brasil até 2004, concedendo isenção de Imposto sobre Produtos Industrializados (alíquota 5%) e imposto de Importação (cerca de 16% para aquisição de máquinas e equipamentos). A medida equipara a condição da indústria nacional com a estrangeira. Atualmente, o Brasil importa cerca de 80% do papel imprensa que consome, por não conseguir competir com os preços das indústrias estrangeiras que gozam isenção.

16

Projetos identificam os genes do eucalipto

Governo, indústrias e universidades trabalham em dois projetos de pesquisas independentes mas com objetivo único: acelerar o ciclo de crescimento do eucalipto aumentando sua produção e ampliar a competitividade da indústria brasileira de celulose e papel. Um é o projeto Forests - Genoma Educalipto, uma parceria entre três universidades estaduais, a Fapesp e um consórcio formado pela companhia Suzano, Votorantim, Ripasa e Duratex; o outro denomina-se Genolyptus, é apoiado e financiado pelo governo federal, reúne 12 empresas do setor florestal, 7 universidades brasileiras e 3 centros da Embrapa.

18

Logística: custos e competitividade

Avanços reais em logística são garantia de fortalecimento dos mercados interno e externo. Entre as várias etapas da logística existe uma que encarece muito os produtos brasileiros: o transporte representa boa parcela dos custos logísticos da empresa. A multimodalidade impulsiona a redução de custos e aumenta o poder de competitividade dos produtos de exportação. Apesar de criado há dois anos a figura do OTM - Operador de Transporte Multimodal, ainda está entalado no gargalo da burocracia. Para tirar o OTM da falácia, a AEB- Associação de Comércio do Brasil, através da Câmara de Logística Integrada de Comércio Exterior, preconiza o cumprimento da Lei que determinou a não incidência do ICMS sobre a prestação de serviço de transporte multimodal de cargas.

20

Competitividade: A busca da estabilidade econômica

Um dos maiores entraves à melhoria da competitividade das empresas nacionais é a atual estrutura política, fiscal, administrativa e ética do País. Estudos, análises, propostas estão sendo feitos no sentido de ajudar na evolução da indústria brasileira e detectar os desafios a serem vencidos. Entrevista com o economista Luciano Coutinho.

22

E MAIS

Números do Setor

25

Notas

30

[Sua embalagem vai aparecer]

O amarelo é mais forte, o vermelho é nítido, as sombras são bem definidas. A aparência da embalagem é resistente. O brilho das cores realça o formato e destaca a embalagem. Nossa linha Cartasol garante alta qualidade de tingimento e performance. Tem alta substantividade, melhor solidez à luz, cores estáveis e é ecologicamente correta. É ideal para a produção de embalagens e indicada também para tingimento superficial. Embalagem que tem cor tem Corante Clariant.

Nossa linha de Corantes:

- Corantes Diretos: Cartasol[®], Carta[®]
- Corantes Base Enxofre: Diresul[®]
- Corantes Básicos: Cartazine[®]
- Pigmentos: Cartaren[®], Flexonyl[®], Printofix[®], Sandosperse[®]

Exactly your chemistry.

Textile, Leather & Paper Chemicals

Av. das Nações Unidas, 18001, Cep 04795-900, São Paulo - SP, Tel (11) 5683-7509/7508, Fax (11) 5683-7464

www.clariant-latinamerica.com

O administrador do futuro

Novo programa quinquenal prioriza o social e a geração de empregos, além de atender empresas médias e pequenas

Eliane Barbosa



Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – **BNDES** é uma empresa pública federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, que tem como objetivo financiar a longo prazo os empreendimentos que contribuam para o desenvolvimento do País. Fundado em 1952, o banco agora planeja um Brasil moderno, competitivo, pronto para entrar na nova era da globalização. Por isso mesmo, o **BNDES** empenhou-se na tarefa de processar o **Planejamento Estratégico para o período 2000-2005** - um repensar de sua própria rota. A proposta é combater os desníveis regionais e sociais, melhorar da qualidade da infraestrutura social e urbana, o aumento das exportações, a reestruturação industrial, a ampliação do acesso ao crédito para pequenas e médias empresas, a continuidade do processo de reforma do Estado. A missão é o aumento e recuperação da renda da população, efeito social do desenvolvimento econômico. O documento define os caminhos e a **Visão 2005** - conjunto integrado de dimensões que expressam os objetivos a serem atingidos pelo BNDES nos próximos anos.



O BNDES desembolsará até 2005 a soma de R\$ 75 bilhões para investimentos na economia brasileira, através do Efeito Multiplicador de seus Desembolsos (EMD)* de R\$30 bilhões; a aplicação desses recursos enfatizará a modernização a que ele se propõe. O banco elevará o seu EMD utilizando o mercado de capitais para promover a alavancagem das operações, mediante ampliação da base de captação de recursos. A atuação do BNDES junto ao mercado de capitais deverá promover também a maior transparência da gestão das empresas e a melhoria das práticas de governança corporativa, com a conseqüente redução do custo médio de capital e o aumento da competitividade das empresas.

O BNDES já tem promovido a participação crescente do mercado de capitais, o apoio à modernização da cadeia produtiva e seus elos, visando dotá-la continuamente de padrões internacionais de competitividade, aumentando os investimentos do setor industrial, e do setor agropecuário de caráter empresarial, para assim, aumentar a produção.

O setor de celulose e papel tem se mostrado um dos mais promissores, e deve receber este ano R\$ 1,1 bilhão de recursos do BNDES. Parte deste montante já desencadeou a concretização de diversos projetos (veja box).

Sob a égide da missão precípua do **BNDES** de promover o desenvolvimento do País, elevando e priorizando tanto a redução de desigualdades sociais e regionais quanto a manutenção e geração de empregos, seu novo Presidente, **Eleazar de Carvalho Filho**, assumiu o posto em janeiro deste ano e, sobre essa missão e planos, ele concedeu entrevista a revista **Celulose & Papel**.

C&P: Quais são as sete dimensões estratégicas estabelecidas pelo Plano 2000-2005 e de que forma se dará este plano?

Eleazar de Carvalho: O Plano Estratégico, ao definir de forma abrangente a sua Missão, visa as seguintes prioridades:

Social - O percentual de aplicações em projetos sociais quadruplicará, passando dos atuais 4% para 17% do total de desembolsos do BNDES em 2005. Será o maior crescimento de desembolsos e investimentos dentre todas as dimensões da “Visão 2005”, com uma taxa média superior a 35% ao ano. As aplicações sociais englobam todos os investimentos que têm impacto direto no desenvolvimento social e na melhoria da qualidade de vida da população brasileira. Estes investimentos destinam-se, principalmente, à infraestrutura urbana (saneamento e transporte urbano de massa); serviços sociais básicos (saúde e educação); modernização da gestão pública; e manutenção e geração de oportunidades de

trabalho e renda.

Infra-estrutura - O montante do investimento em infra-estrutura passa a ser o mais significativo, suplantando o destinado à indústria. Os investimentos relacionados à infra-estrutura econômica - transporte, energia e telecomunicações - serão norteados pelo estudo dos Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento, incorporados no programa Avança Brasil. Esses investimentos buscarão principalmente reduzir os desequilíbrios regionais e o "custo Brasil".

Exportação - O BNDES-Exim - financiamentos às exportações - deverá dobrar até 2005 sua participação no total de desembolsos do Banco, chegando a 25%. O objetivo do BNDES é apoiar o esforço exportador brasileiro. A ação do Banco se dará no apoio à comercialização de produtos e no fortalecimento de toda a cadeia produtiva, objetivando aumentar a competitividade do produto nacional e a base de empresas exportadoras.

Indústria - O BNDES continuará a ter um papel importante no financiamento de longo prazo à indústria. Com a participação crescente do mercado de capitais, o Banco promoverá o apoio à modernização da cadeia produtiva e de seus elos, visando dotá-la de padrões internacionais de competitividade. No curto e médio prazo, o BNDES irá apoiar o processo de reestruturação industrial nos setores em que as empresas brasileiras são capazes de competir globalmente, como petroquímica, papel/celulose, mineração e metalurgia.

Pequena empresa - O acesso das empresas de pequeno e médio porte ao crédito será ampliado mediante a criação de novos produtos, a introdução de novos canais de distribuição e a adoção de novos procedimentos. O objetivo é reforçar a contribuição destas empresas à geração de empregos e ao esforço exportador.

Ação regional - A atuação do BNDES no processo de redução dos desequilíbrios regionais tem o objetivo de elevar a participação das regiões de menor desenvolvimento relativo - Norte, Nordeste e Centro-Oeste - na renda nacional, através, principalmente, do financiamento aos chamados "projetos estruturantes" e às empresas de menor porte.

Privatização - Conforme as diretrizes do Plano Estratégico, o BNDES continuará a contribuir para o aumento da eficiência da economia, para a expansão da oferta de

serviços públicos e para a modernização do Estado por meio da implementação de processos de privatização de empresas federais e estaduais.

C&P: O que o BNDES pretende fazer para disponibilizar um financiamento de 30 bilhões de reais? Quanto deste montante está direcionado ao setor de papel e celulose e quais projetos devem ser beneficiados?

Eleazar de Carvalho: O setor de celulose e papel deverá contar com empréstimos do BNDES da ordem de R\$1,1 bilhão, neste 2002. Os principais projetos na carteira do banco, atualmente, são da Aracruz, Votarantim, Ripasa e Suzano. (ver box).

C & P: O BNDES fez um estudo de sua rota e está em processo de Planejamento estratégico 2005. Quais são as metas e prioridades deste plano?

Eleazar de Carvalho: O Plano Estratégico 2005 do BNDES, redefiniu os princípios que regem as atividades da instituição, estabelecendo que neste período o Banco atuará em sete dimensões prioritárias: desenvolvimento social; infra-estrutura; apoio às exportações; modernização industrial; pequena empresa; redução dos desequilíbrios regionais; e privatização. O desenvolvimento do mercado de capitais será um fator-chave para a realização das metas estabelecidas pelo Plano e consubstanciadas na chamada "Visão 2005". A "Missão" do BNDES foi reformulada e incorporou, pela primeira vez de forma explícita, a prioridade ao social, ao regional e ao emprego, além de reafirmar o compromisso com a elevação da competitividade da economia. Passou a ser a seguinte: **"Promover o desenvolvimento do País, elevando a competitividade da economia brasileira, priorizando tanto a redução de desigualdades sociais e regionais quanto a manutenção e geração de emprego"**.

C&P: Dentro dos critérios do BNDES, quais são os pré requisitos básicos para um empreendimento receber financiamentos? O banco pretende aumentar o apoio a investimentos de incrementos do setor industrial e, em que escala esta pretensão já atinge o setor de celulose e papel?

Eleazar de Carvalho: Respondo enfatizando o setor de papel e celulose: O BNDES tem buscado apoiar a expansão do



"O mercado de capitais será fator-chave para o desenvolvimento preconizado nas metas do banco"

setor de celulose e papel em todas as suas fases por entender que esse setor é prioritário para o país em termos de geração de empregos, exportações e demanda crescente do mercado interno, além da elevada competitividade que o Brasil detém no segmento. Nesse sentido, o banco continuará presente, tanto através do apoio à implantação de novos projetos, quanto na modernização e expansão daqueles já existentes, sempre em consonância com as tendências do mercado. Em 2001, os desembolsos do BNDES para o setor de celulose e papel totalizaram R\$ 1,14 bilhão, o que representou um aumento de 254% em relação ao ano de 2000. Cabe destacar que o BNDES tem exercido, também, um importante papel no processo de reestruturação do setor.

C & P: O setor florestal o Brasil ocupa o 10º lugar no ranking da competitividade mundial – conforme pesquisas voltadas para o eucalipto, e reclama de mais recursos. O BNDES aprovou recentemente o primeiro projeto de manejo sustentável de floresta

nativa. Como o Sr. analisa este projeto?

Eleazar de Carvalho: Os projetos apoiados pelo Banco com desembolsos previstos para este ano constam de tabela (ver box), inclusive o da Suzano. O projeto da Guavirá é um projeto inovador e paradigmático para o desenvolvimento sustentável da região amazônica, conciliando a atividade econômica industrial com o aproveitamento sustentável da floresta nativa e melhoria das condições de vida da população local. O investimento total é de cerca de R\$ 16,5 milhões (R\$ 13,5 milhões – indústria; R\$ 2,4 milhões – reflorestamento; R\$ 600 mil – social), com financiamento direto do BNDES de R\$ 9 milhões. O projeto contempla a instalação de uma nova serraria integrada com processamento secundário e geração de energia elétrica, em São José do Rio Claro, no Estado do Mato Grosso, com capacidade nominal de produção de 66.500 m³/ano de serrados primários; manutenção florestal e reflorestamento de 450 ha/ano, entre 2001 e 2003, com o plantio de variedade Teca; e melhorias nas condições de habitação, educação, saúde e alimentação, além de estímulo ao desenvolvimento comunitário.

Pedidos de financiamentos do BNDES somam R\$ 17,9 bilhões de janeiro a maio, com crescimento de 50%

Desembolsados R\$ 10,7 bilhões, com aumento de 32% e o apoio à pequena empresa cria e mantém 232 mil empregos diretos

Os pedidos de financiamentos do BNDES (cartas-consulta) cresceram 50% nos primeiros cinco meses deste ano, quando comparados a

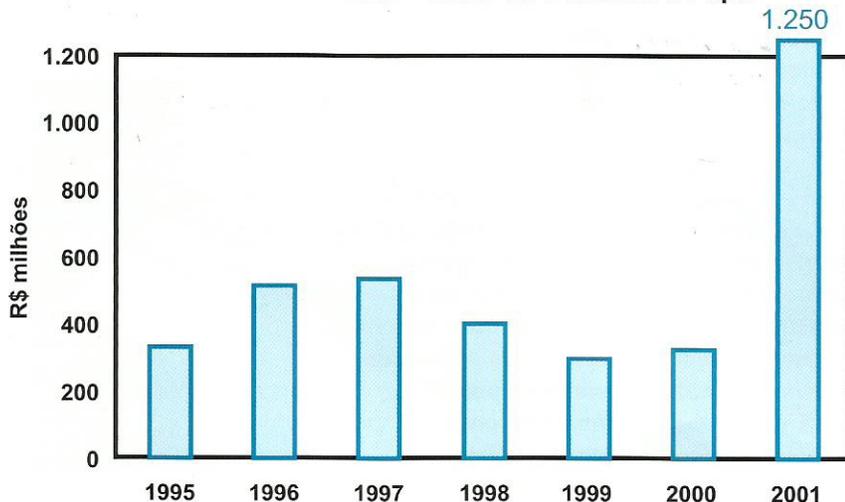
igual período de 2001, refletindo o aumento da busca de recursos para investimentos de longo prazo no País. Entre janeiro e maio as consultas chegaram a R\$ 17,9 bilhões, contra R\$ 12,7 bilhões nos mesmos meses do ano passado.

O desempenho positivo também foi verificado nos desembolsos feitos pelo BNDES, assim como no volume de novos financiamentos aprovados. Os desembolsos tiveram crescimento de 32%, subindo de R\$ 8,2 bilhões para R\$ 10,7 bilhões. As aprovações cresceram 62%, passando de R\$ 9,9 bilhões para R\$ 16 bilhões.

O setor que mais recebeu desembolsos do BNDES foi o da indústria de transformação, com destaque para o ramo de equipamentos de transporte. Dos R\$ 4,8 bilhões destinados ao setor, esse ramo ficou com R\$ 2 bilhões, um crescimento de 46% em relação a 2001.

Os desembolsos para projetos do setor agropecuário tiveram aumento de 65%, alcançando R\$ 1,4 bilhão, contra R\$ 895 milhões entre janeiro e maio do ano passado. Já os empreendimentos dos setores de infra-estrutura, comércio e serviços receberam desembolsos de

Desembolsos do BNDES - Setor de Celulose e Papel



R\$ 3,9 bilhões, marca 118% maior do que a registrada em igual período do ano passado, quando atingiu R\$ 1,8 bilhão.

Micro, pequenas e médias empresas

Outro resultado positivo do período é o referente aos desembolsos do BNDES para pessoas físicas, micro e pequenas empresas, que cresceram 30% em relação ao ano anterior, passando para R\$ 1,9 bilhão. Os desembolsos para médias empresas chegaram a R\$ 717 milhões, número que representa um aumento de 43%.

O volume de recursos liberado para o segmento das MPMEs atingiu R\$ 2,6 bilhões, o que significa 25% dos desembolsos totais do Banco nesses primeiros cinco meses do ano. Essa participação vem crescendo, tendo alcançado 19%, ao final de 2000, e 23%, em 2001.

Os dados preliminares indicam que os desembolsos feitos neste ano para as MPMEs possibilitarão a criação e manutenção de 232 mil empregos diretos na fase de operação dos empreendimentos financiados pelo BNDES, ou seja, após a conclusão dos projetos. No ano passado, os financiamentos do BNDES para o segmento geraram ou mantiveram 635 mil empregos diretos na fase de operação.

Os agentes financeiros que mais repassaram recursos do BNDES para as MPMEs foram o Banco do Brasil (R\$ 367 milhões); CNH Capital (R\$ 232 milhões); Bradesco BM (R\$ 196 milhões); Rabobank (R\$ 186 milhões) e BCN BM (R\$ 116 milhões). Entre janeiro e maio, os agentes financeiros realizaram 35 mil operações de financiamento, com o valor médio de R\$ 69 mil.

Consultas indicam retomada de investimentos

Em recente reunião de diretoria, o BNDES alocou os R\$ 28 bilhões relativos ao seu orçamento para projetos de investimentos para 2002. Os recursos foram distribuídos entre as divisões setoriais definidas no Plano Estratégico da instituição.

A maior parcela, de R\$ 12,1 bilhões foi destinada a investimentos de modernização do setor produtivo. A infra-estrutura levou R\$ 8,8 bilhões, as exportações vão dispor de R\$ 6,8 bilhões, o desenvolvimento regional, de R\$ 6,7 bilhões, micro, pequenas e médias empresas contarão com R\$ 6,4 bilhões e a área social, com R\$ 1,6 bilhões. Restantes R\$ 200 milhões serão destinados a administração da carteira de ações do banco, incluindo aí operações de

desinvestimento e investimento no mercado de capitais.

BNDES obtém crédito de US\$ 900 milhões no BID

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) aprovou o pedido de contratação de empréstimo de US\$ 900 milhões pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com garantia da União, junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Os recursos, juntamente com a contrapartida do próprio BNDES, serão utilizados no financiamento de micro, pequenas e médias empresas

De acordo com informações da Secretaria do Tesouro Nacional, o custo total do programa de financiamento da micro, pequena e média empresa foi estimado em um valor equivalente a até US\$ 3 bilhões, sendo US\$ 1,5 bilhão aportados pelo BID e US\$ 1,5 bilhão proveniente do BNDES, podendo esse montante ser financiado total ou parcialmente por agências governamentais estrangeiras.

Os recursos provenientes da operação serão totalmente desembolsados este ano e em 2003, de acordo com o BNDES. O empréstimo do BID terá prazo de amortização de 20 anos, com quatro anos e meio de carência. As condições financeiras são as usualmente adotadas pelo BID em suas operações.

O BNDES informou que os recursos permitirão intensificar o processo de modernização do parque produtivo nacional, principalmente no segmento de empresas de menor porte, propiciando, assim, o aprofundamento da integração competitiva da indústria brasileira aos fluxos mundiais de comércio.

Os recursos permitirão também, de acordo com o BNDES, “atender a um maior número de empresas, complementando seus recursos ordinários, de modo a responder eficientemente às necessidades de investimento de empresas privadas nacionais na retomada do crescimento econômico do país”.

Outro objetivo do Programa, que leva o nome de “Desenvolvimento de Micro, Pequenas e Médias Empresas - Multissetorial III”, é financiar gastos locais associados às exportações de serviços e apoiar projetos que promovam a integração regional, no âmbito do Mercosul Ampliado. Programa de Dispendios Globais (PDG) do BNDES para este ano prevê captações de recursos externos em valor equivalente a R\$ 8,43 bilhões.

“Projetos de investimentos alocados no banco somam R\$ 28 bilhões neste ano”

BNDES e o setor de Celulose e Papel

O BNDES realizou de janeiro a maio de 2002, desembolsos de R\$ 464 milhões para o setor de celulose e papel. No ano passado, a soma deste mesmo período ficou em R\$ 399 milhões, caracterizando um crescimento de R\$

65 milhões (16%). Já o total global de desembolsos nestes primeiros cinco meses do ano chegam a R\$ 10 bilhões e 370 milhões. Em 2001, a soma global do mesmo período chegou a R\$ 8 bilhões e 192 milhões. Segundo a chefe de Área de Operações Industriais – celulose e papel, Angela Regina Pires Macedo, os desembolsos para os principais projetos de expansão do setor de celulose e papel (2000-2001-2002) foram destinados a expansão das indústrias do setor, conforme a distribuição (ver box ao lado).

Segundo Angela Macedo, ainda em 2002, o BNDES está analisando o projeto de modernização da Suzano, que tem planos para aumento da capacidade da produção da celulose para 105 mil toneladas/ ano e 24 mil toneladas/ ano de papel. O projeto foi orçado em R\$ 509 milhões, e deste total, o banco desembolsará R\$ 268 milhões. Embora não tenham – até o momento – sido formalizados, há previsão também de liberação de desembolsos para os projetos da planta da Veracel, ampliação da Aracruz e da Norske Skorg (implantação de máquinas para produção de papel imprensa).

BNDES	<i>Total investimentos (milhões de R\$)</i>	<i>Desembolso (milhões de R\$)</i>
Aracruz	2.084	687
VCP – Votorantim	1.180	472
Riocel / Klabin	406	173
Klabin / Riocel	124	72
Orsa	33	18
Santher	55	22
Veracel	135	54
Ibema	80	35
Ripasa	553	220
Bahia-Sul	82	39
Suzano	138	64

BNDES 50 ANOS

No Brasil pós Segunda Guerra, tornou-se um consenso, em especial desde o início do segundo governo Getúlio, a necessidade de criar uma instituição capaz de cumprir o papel de indutor da atividade econômica. Um banco de desenvolvimento que se especializasse na oferta de financiamentos de longo prazo. Que fosse um banco, mas também uma agência de desenvolvimento, função que não poderia ser exercida pelo sistema financeiro tradicional.

Por isso é que foi criado o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), pela Lei 1.628, de 20.6.52. A idéia da criação do Banco estava no epicentro do debate político-econômico ocorrido nos anos 50, quando o Brasil precisava decidir que caminhos percorreria para acompanhar o reerguimento da economia mundial depois da Segunda Guerra.

O BNDES surgiu como instrumento do Governo na formulação e execução da

política nacional de desenvolvimento econômico.

A história da criação do BNDES confunde-se, desde então, com a própria história do País neste meio século. Ao longo destes anos, os Banco tem atuado com duas facetas básicas. A primeira é a de agente de fomento, de executor das políticas de desenvolvimento: o Banco viabilizou projetos que livraram o País de pontos de “estrangulamento” que emperravam o desenvolvimento industrial: falta de energia, falta de aço, falta de transportes etc... A segunda é a de planejamento, análise de conjuntura, de produção de conhecimento destinado a identificar os caminhos que a economia brasileira deveria seguir em cada etapa. O Brasil levou 50 anos para consolidar-se como uma nação industrial. Exatamente os 50 anos de atuação do BNDES.

No seu 50º ano de atuação, o BNDES é uma instituição com desembolsos anuais de

cerca de R\$ 26 bilhões, com ativo total de R\$ 113 bilhões e uma carteira de financiamentos que alcança a soma de R\$ 87 bilhões. Suas prioridades hoje, definidas pelo Plano Estratégico 2000-2005, são: o desenvolvimento social e urbano; a infra-estrutura; a pequena empresa; o desenvolvimento regional; as exportações; a modernização industrial e a privatização, como instrumento de aumento da eficiência da economia e de modernização do Estado e de expansão da oferta de serviços públicos. O fortalecimento do mercado de capitais será

o fator-chave para atingir as metas estabelecidas pelo Plano.

Mesmo partindo de uma base elevada de desembolsos, que se expandiram sistematicamente nos últimos anos, o BNDES prevê um crescimento consistente de suas aplicações até 2005. A previsão é de que, em 2005, o BNDES desembolsará cerca de R\$ 30 bilhões, o que representará investimentos das empresas da ordem de R\$ 70 bilhões. Ou seja: cada real aplicado pelo BNDES deverá alavancar duas vezes e meia a mais em investimento.



Eleazar de Carvalho Filho

Perfil do presidente do BNDES

Paulista, nascido em julho de 1957, Eleazar de Carvalho Filho formou-se em Economia em 1979 pela New York University e concluiu o mestrado em Relações Internacionais em 1981 na The Johns Hopkins University (EUA). Em 1988 fez o curso de Corporate Financial Management na Harvard Business School (EUA).

Eleazar começou a trabalhar como economista em 1981 no Banco Crefisul de Investimento. Era então responsável pelo acompanhamento macroeconômico e pelo assessoramento nas posições do Banco no mercado de renda fixa; depois foi diretor adjunto da Área Internacional e criou a área de câmbio.

De 1986 a 1992 trabalhou na Alcoa Alumínio, na qual foi diretor e tesoureiro, acumulando o cargo de vice-presidente do Instituto Cultural da Alcoa. Foi ainda o responsável pela seguradora e pela corretora de seguros da Alcoa. Exerceu também a função de diretor superintendente da Alcoa Previ - o fundo de pensão dos funcionários.

De 1992 a 1998 atuou no Banco de Investimentos Garantia. Passou os primeiros três anos deste período em São Paulo, na área de Corporate Finance, desenvolvendo e estruturando operações de fusões e aquisições, assim como operações de reestruturação financeira e emissões de ações e títulos de renda fixa. Nos três anos seguintes chefiou o escritório do Rio de Janeiro, que era composto pelas áreas Comercial, Capital Markets e Private Banking.

Em abril de 1998 Eleazar de Carvalho passou a trabalhar no Banco Warburg Dillon Read (posteriormente denominado UBS Warburg), nos escritórios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Inicialmente foi Managing Director, responsável pela área brasileira de Corporate Finance, e em abril de 1999 tornou-se o diretor-presidente da instituição no Brasil.

Eleazar assumiu o cargo de diretor do BNDES em abril de 2000 e foi nomeado presidente por Decreto de 31 de dezembro de 2001.



Eleazar: metas definidas

Aracruz : Moderna e pronta para o embate do mercado global

Eliane Barbosa

Fábrica: Com capacidade instalada de 1.240.000 toneladas anuais de celulose branqueada de eucalipto, a fábrica da Aracruz incorpora avançados sistemas de tratamento de resíduos, efluentes e emissões, visando ao mínimo impacto ambiental.



A indústria de papel e celulose, que opera próxima do em seu limite de capacidade há praticante dois anos, planeja um acréscimo de 28% em suas plantas. A sucessão de choques que afetaram a economia mundial não impediu que as empresas brasileiras continuassem com seus planos de investimentos em expansão neste ano de 2002.

É o caso da Aracruz Celulose, maior produtora mundial de celulose branqueada de eucalipto, vendida globalmente para fabricantes de papéis sanitários, de imprimir e escrever e papéis especiais. A despeito dos adventos econômicos, a indústria segue seu cronograma de crescimento a todo vapor. A Aracruz pretende dobrar a produção para 4 milhões de toneladas nos próximos cinco anos por meio de projetos de expansão e aquisições aqui e no exterior. Por isso reservou um total de US\$ 825 milhões para um novo complexo industrial. Entre os diversos projetos de investimento, US\$ 575 milhões já estão destinados à construção de sua terceira

fábrica (C) no Espírito Santo. Só neste ano os investimentos serão de US\$ 353 milhões, comparado a US\$ 435 milhões no ano passado. Mais de 80% das obras da terceira fábrica da Aracruz Celulose estão concluídas.

De acordo com o presidente da empresa, Carlos Augusto Lira Aguiar, cerca de 80% dos recursos serão destinados à terceira fábrica, isto equivale a US\$ 283 milhões. A fábrica C começou seus testes em maio. O valor total inclui também o projeto que visa promover o transporte de madeira por barcaça e na aquisição de novas terras para o plantio de eucalipto. Há ainda o projeto de se construir um aeroporto, no município de Aracruz, avaliado em US\$ 1,5 milhão. Segundo Aguiar, as obras do Aeroporto Primo Bitti deverão ser concluídas com a inauguração da terceira fábrica(C) após julho, com a presença do Presidente Fernando Henrique Cardoso. O campo de pouso, terá condições de receber aviões de médio porte, como o Foker 100 (Boeing). O projeto prevê uma pista de 1.600 metros de extensão e 30 metros de largura. Além

do investimento em novos plantios, a nova fábrica vai gerar 420 empregos diretos, além de 2,4 mil indiretos. Na parte florestal, com o plantio de eucalipto, serão gerados outros 2 mil empregos diretos e mais 8 mil indiretos. Com a nova fábrica, a intenção é aumentar sua produção de celulose de 1,645 milhão de toneladas para 2 milhões de toneladas até 2003. Há também a implementação de um novo Porto no Sul da Bahia, com vistas à ampliar os embarques de celulose para exportação.

A expectativa de crescimento, segundo Carlos Aguiar, baseia-se nos planos da Aracruz, de aumentar sua participação na indústria fotográfica da Alemanha e na de outros países europeus, bem como dos Estados Unidos.

No que se refere à fabricação de papéis para revestimento de paredes, pretende-se direcionar 2% da produção a esse segmento ainda neste ano, e outros 5% a partir de 2003, tendo também o mercado alemão como alvo principal das exportações de celulose mais elaborada. Aguiar calcula que a indústria de papéis para revestimento de parede demanda 1 milhão de toneladas de celulose por ano nos países da Europa e nos EUA. "A procura por parte dos fabricantes de materiais fotográficos deve ser ainda maior. Esse potencial de consumo justifica os planos da Aracruz de ganhar mercado com produtos diferenciados."

Ele explicou que o projeto da fábrica C já inclui tecnologia desenvolvida em conjunto com seus fornecedores, o que torna mais flexíveis as modificações nesses processos. O interesse da Aracruz na produção de celulose diferenciada, está no relacionamento que se pode estabelecer com os agentes dos mercados em questão, além do reflexo esperado dos preços se elevarem mais US\$ 20 por tonelada sobre o faturamento bruto. "O fornecimento depende de uma integração tecnológica entre a indústria e seus clientes, e do desenvolvimento conjunto do produto de maior valor agregado. Esse estreitamento das relações resulta no fechamento de contratos de longo prazo e na fidelização de uma clientela não vulnerável a variações de preços".

Bases internacionais

A empresa está avaliando se disputa 25% do capital da Portocel, estatal portuguesa de celulose, com leilão de privatização previsto para Agosto. A operação da Portocel seria a primeira tentativa da Aracruz de participar de empresas de celulose no exterior.

No final do ano, a companhia vai decidir se segue com o projeto, avaliado em US\$ 1 bilhão, na instalação de uma unidade de produção na

Veracel, empresa na qual é sócia da Stora Enso e da Odebrechet, no Sul da Bahia. Se houver disposição para levar adiante este projeto, serão mais de 900 mil toneladas em 2005.

A estrutura de capital da Aracruz já é globalizada, pois 60% das ações que estão no mercado, ou 31% do seu capital total, já estão em poder de investidores estrangeiros. A contabilidade segue os padrões aceitos nos EUA (US Gaap) e suas ações são negociadas na Bolsa de Nova York (ADR nível 3).

A Aracruz amplia seu estoque de florestas para sustentar uma estrutura de produção de celulose maior, em futuro próximo, comprando junto com o Grupo Suzano, as Florestas Rio Doce, de propriedade da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).



Fábrica C: A terceira unidade de produção de celulose da Aracruz, a Fábrica C, em fase de construção, elevará a capacidade instalada da empresa de 1,3 milhão para 2 milhões de toneladas anuais.

O aumento da produção demandará investimentos de mais de US\$ 800 milhões para ampliação da área florestal, obras industriais, logística e infra-estrutura social.

Logística tupiniquim

A empresa monta a infra-estrutura logística do empreendimento.

O presidente da Aracruz afirmou que o transporte de eucalipto por barcaças, pioneiro no país, começará a ser realizado em outubro. A madeira plantada no Sul da Bahia, será escoada pelo porto de Caravelas e chegará a Portocel, de propriedade da empresa, em Aracruz no Espírito Santo. Os investimentos são de US\$ 40 milhões, sendo 50% da própria empresa e a outra metade da Norsul, responsável pelo transporte do eucalipto. Quando o projeto estiver concluído, a Aracruz será a primeira empresa do país a usar a cabotagem marítima no transporte de matéria prima. O investimento total, incluindo a construção de barcaças, é da ordem de US\$ 51,3 milhões.

O terminal vai escoar a madeira vendida para a Aracruz, um dos sócios do projeto. Serão transportados cerca de 6 milhões de metros cúbicos de eucalipto em quatro anos. A ponte de acesso à plataforma de embarque, medindo 410 metros de comprimento, está concluída. Cerca de 270 pessoas estão trabalhando nas obras civis.

Na primeira fase de operação, ou seja, até outubro deste ano, o transporte de toras de eucalipto para o terminal Portocel, será realizado com duas barcaças e quatro empurradores, que estão sendo fabricados especialmente para a Veracel em Manaus, no Amazonas.

Serraria

Para receber commodities para a produção de Celulose, a Aracruz está construindo um cais específico, junto a Portocel e outro, ainda dependendo da licença ambiental, em Caravelas na Bahia. Aguiar afirmou também do interesse da empresa em duplicar a serraria que funciona no Sul da Bahia, orçada em US\$ 52 milhões e na implantação de outra unidade de produção de celulose na Veracel, na cidade de Eunápolis, naquele Estado. A decisão sobre o projeto será fechada em dezembro. Se aprovado o projeto, a indústria produzirá 900 mil toneladas por ano. O investimento calculado é de US\$ 1 bilhão, e será partilhado entre a Stora Enso (45%), Odebrechet (10%) e Aracruz (45%).



porém com os preços da celulose mais baixos. A tonelada foi comercializada com valor médio de R\$ 1.030,00, preço 8% menor que no ano anterior.

Em 2001, as exportações totais da Aracruz somaram 1,3 milhão de toneladas, representando 97% da produção.

A Aracruz tem escritório de representação na Suíça (unidade Europa) e nos Estados Unidos (em fase de realocação da Carolina do Norte para Miami). E acaba de inaugurar escritório de representação em Hong Kong, o primeiro na Ásia. Atenderá os clientes da região, com foco central na China, cuja demanda por celulose apresenta grande dinamismo. A Aracruz prevê exportar a longo prazo cerca de 400 mil toneladas/ano de celulose para Ásia (China, Coréia do Sul, Indonésia e Taiwan, principalmente), face as 300 mil toneladas embarcadas para a região em 2001. Com isso, a empresa pretende manter em 25% a presença no mercado asiático no total de suas vendas externas.

Lucros em 2001

A Aracruz Celulose fechou 2001 com lucro de R\$ 210,6 milhões. O resultado foi 54% menor que no ano anterior, quando a empresa registrou um faturamento líquido de R\$ 454,6 milhões.

Segundo a empresa, a queda foi influenciada pelos preços mais baixos da celulose no mercado internacional, os impactos da desvalorização cambial no ano passado e aos ajustes contábeis do quarto trimestre.

O volume de vendas foi de 1,3 milhão de toneladas, recorde da empresa e a produção atingiu 1,27 milhão de toneladas. De acordo com Carlos Lira Aguiar, o resultado superou a maioria das empresas de celulose do mundo. Para este ano a expectativa é de crescimento de 20 a 25% no faturamento com entrada da produção da terceira fábrica.

A nova unidade irá adicionar em mais de 350 mil toneladas de celulose neste ano e em 2003, em plena carga, o volume deve duplicar, podendo chegar a 780 mil toneladas. No ano passado, a produção foi exportada, principalmente para os países europeus (47%), América do Norte (34%) e asiáticos (14%). O mercado interno e a América Latina absorveram apenas 5% da produção.

Segundo Aguiar o volume de vendas foi superior ao registrado em anos anteriores,

- Operações florestais da Aracruz abrangem:
 - 170.000 hectares de plantios próprios - Espírito Santo e Bahia
 - 87.000 hectares de reservas nativas
 - 37.000 hectares de plantio de eucalipto com produtores rurais locais, dentro do programa de fomento florestal.
- Portocel, principal porto de embarque de celulose do Brasil, no Espírito Santo, alcançou em 2001 a marca recorde de 2 milhões de toneladas. O Porto é compartilhado pela Aracruz Celulose e pela Cenibra.
- Novo projeto Fabrica - linha C II
 - 3 caldeiras de recuperação
 - 4 linhas de branqueamento e secagem
 - instalação para recuperação de produtos químicos, tratamento de água e geração de energia elétrica
- Produtos de madeira - Marca Lyptus Provenientes do plantio de eucalipto para as indústrias de móveis e design de interiores - destinado ao Brasil e exterior
- 1 unidade industrial - sul da Bahia

Plantando a quarta fábrica

A Aracruz abre caminho para a construção de sua quarta fábrica em lugar próximo à nova floresta. A intenção é investir R\$ 86 milhões no cultivo de eucaliptos no norte do Rio de Janeiro, num projeto mais amplo. O projeto florestal já está em fase de licenciamento ambiental e, em sete anos, período necessário para que as árvores se desenvolvam o bastante para a sua colheita, a nova fábrica de celulose e móveis da indústria deve começar a ser construída.

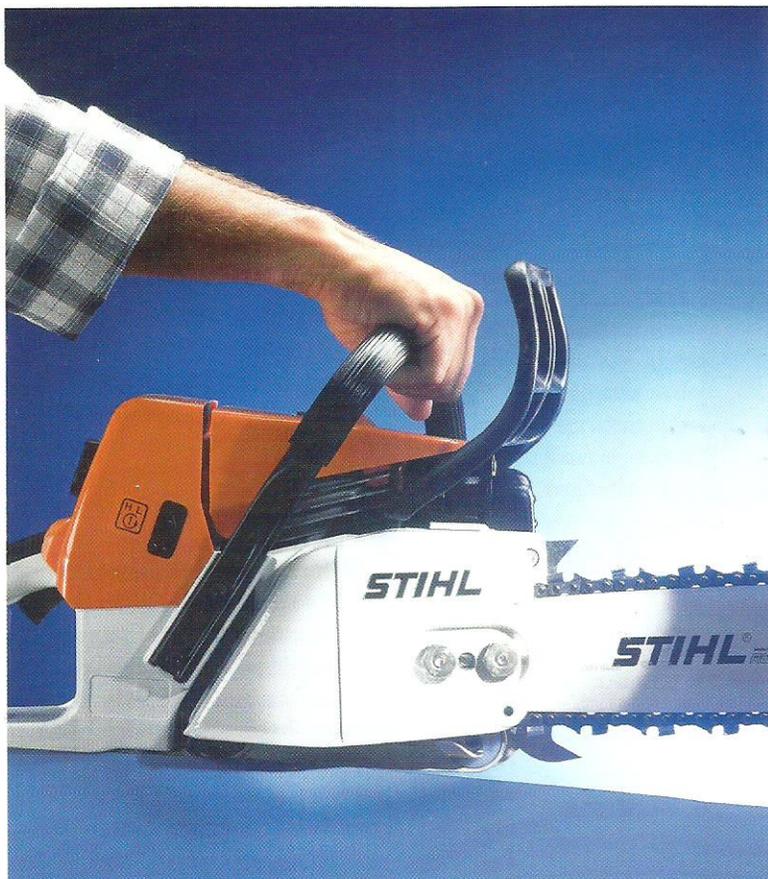
Controle acionário da Aracruz

Grupos Lorentzen, Votorantim e Safra (28% do capital votante cada) e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES (12,5%).

As Ações preferenciais da empresa são negociadas nas Bolsas de Valores de São Paulo (Bovespa), Nova York e Madri.

Resumo das Conquistas

- Plantio de **43.100 ha** de florestas próprias, melhor desempenho já registrado por empresas do setor no Brasil;
- Produção de **40,5 milhões** de mudas de eucalipto, marca recorde na história do viveiro das empresas. Somando com as mudas adquiridas de terceiros, o total plantado foi **71,6 milhões** de mudas;
- Contratação de **18 mil ha** e plantio **10.578 ha** no programa Fomento Florestal; implantação do Fomento da Bahia;
- **87.000 ha** de áreas de reserva, a maior área privada representativa de Mata Atlântica no norte do Espírito Santo e extremo Sul da Bahia;
- Redução de **54%** no índice de acidentes no transporte de madeira, o menor já registrado na empresa desde 1.995;
- Recorde de Produção na Fábrica B: **778.166 toneladas**
- Recorde de Vendas de Celulose: **1.301.000 toneladas**
- Recorde de **2.040.602 toneladas** de celulose embarcadas no Portocel.
- Crescimento de **42%** na vendas Lyptus e assinatura de acordo comercial com a empresa americana Weyerhaeuser.
- **15 prêmios/ destaques** conquistados em nível estadual e nacional.
- **4º melhor** clima organizacional entre as empresas do país, segundo pesquisa da Hay do Brasil.
- Realização da Sipat Integrada envolvendo empregados e **27 empresas parceiras**;
- **R\$ 9,18 milhões** investidos em projetos sociais, incluindo aqueles decorrentes do plano de investimentos da empresa (Fábrica C e outros).
- Realização de **ação voluntária** que envolveu empregados e prestadores de serviço, visando ajudar vítimas das chuvas no ES.
- Resultados do Projeto Microbacia ratificam que o eucalipto da Aracruz **não** seca a terra.



Se você pode ter uma Stihl, por que deixar por menos?

A Stihl é mundialmente reconhecida pela confiança e tecnologia de seus produtos. Investe pesado em testes, pesquisas e inovações para, a cada lançamento, oferecer a você o que há de mais eficiente e avançado. Com a Stihl, você também nunca está sozinho. São mais de 1000 revendas autorizadas garantindo atendimento e total assistência. Quando se trata de qualidade, a Stihl nunca deixa por menos. Se é Stihl, pode confiar.

Andreas Stihl Moto-Serras Ltda.
www.stihl.com.br

0800 707 5001

STIHL®

Regras rígidas regulam o uso do papel imprensa

Eliane Barbosa

O novo sistema para tributação do papel destinado à impressão de livros, jornais e periódicos começou a valer em 1º de fevereiro, com a publicação da Instrução Normativa nº 101, de 21 de dezembro de 2001, que altera exatamente a data mencionada pela Instrução Normativa nº 71, de 24 de agosto de 2001 da Receita Federal. Desta forma, as autorizações concedidas em 2001 para promoção de despachos aduaneiros de papel imprensa com imunidade tiveram que ser renovadas de ofício até o dia 31 de janeiro.

A partir da nova postura da Receita Federal, fabricantes de papel, usuários,

importadores, distribuidores e gráficas foram obrigados a se inscrever no Registro Especial para Estabelecimentos que Realizem Operações com Papel Destinado à Impressão de Livros, Jornais e Periódicos. Além disso, terão de fazer a chamada Declaração Especial de Informações Relativas ao Controle de Papel Imune (DIF-Papel Imune), que consiste em balanços trimestrais com informações sobre o destino das vendas e detalhamento do volume fornecido a cada cliente do ramo editorial.

O objetivo foi por um fim indiscriminado ao uso do papel conhecido como linha d'água. A ausência de registro junto a Delegacia ou à Inspeção da receita federal impossibilita a empresa de trabalhar com papel imune. Já a omissão ou prestação de informações falsas na DIF-Papel Imune configura hipótese de crime contra a ordem tributária, sem prejuízo das demais sanções cabíveis. A Bracelpa – Associação brasileira dos fabricantes de Celulose e Papel, a Abrigraf e outras entidades alertaram o mercado sobre a adequação à medida da Receita federal e, junto com outras associações interessadas no projeto, desenvolveram uma cartilha com respostas para as dúvidas geradas pela Instrução Normativa.

Papel de imprensa ganha incentivo

O governo federal quer atrair investimentos para a produção de papel imprensa. As indústrias que se instalarem no Brasil até 2004 terão isenção do imposto sobre Produtos Industrializados, cuja alíquota é de 5%, e do Imposto de Importação, de cerca de 16%, para aquisição de máquinas e equipamentos. A medida faz parte de um pacote de incentivo anunciado pelo governo (Ministério do Desenvolvimento e Secretaria da Receita Federal).



O governo também vai liberar os produtores de papel de imprensa do recolhimento das contribuições sociais- PIS- Programa de Integração Social e Cofins – Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social . A isenção do pagamento das contribuições vai significar um ganho de competitividade de 3,75% para os produtores brasileiros. O objetivo da medida é equiparar as condições do produto nacional com as do importado que goza de isenção tarifária. O Brasil importa cerca de 80% do papel de imprensa que consome.

O principal fornecedor do produto é o Canadá. No ano passado o Brasil comprou US\$ 173 milhões de papel de imprensa canadense. De acordo com a Camex- Câmara de Comércio Exterior, essa diferença de competitividade inibe a instalação de fábricas no Brasil.

Norske tem planos

A Norueguesa Norske Skog, única fabricante de papel imprensa no país, tem planos de investir US\$ 500 milhões na implantação de uma máquina em Jaguariá (PR), capaz de produzir 350 mil toneladas por ano. Nessa cidade, estão as instalações de papel imprensa da Klabin, que vendeu 50% da operação para o grupo norueguês em 2000, dando início à “joint venture” Norske Skog Klabin.

Segundo Josmar Verillo, consultor da indústria Klabin, o Brasil deveria ser hoje exportador do papel imprensa, a exemplo de outros produtos, e isso só não acontece porque a competitividade brasileira é retirada por lei. O papel produzido no Canadá pode entrar no Brasil isento de imposto de importação, PIS, Cofins, CPMF, IPI e ICMS. Já o produtor brasileiro paga, na venda desses produtos, PIS, Cofins e CPMF porque a imunidade abrange somente impostos, e arca com os custos de IPI e ICMS que vêm nos seus insumos e que, na maioria das vezes, não podem ser aproveitados. “O resultado é que produzir e vender papel imprensa no Brasil fica cerca de 20% mais caro do que no Canadá”, afirma.

Como consequência desse subsídio ao produto externo, o Brasil passou a importar entre 60% e 80% de seu consumo de papel imprensa, quase todo ele do Canadá. O jornal

Estado de São Paulo vendeu sua participação na Pisa para a norueguesa Norske Skog, e a Klabin fez uma joint venture com a mesma Norske Skog, já com data marcada para que, em setembro de 2003, a máquina de papel da Klabin deixe de produzir papel imprensa e passe a fabricar papéis de embalagem. O Brasil teria que necessariamente importar mais de 80% de seu consumo de papel jornal. O que significará perdas de mais 2 mil empregos de bons salários que a atividade geraria na indústria e na floresta. Os produtores brasileiros, sem condições para competir, praticamente abandonaram essa atividade. Nem sempre foi assim, na década de 60, a indústria nacional, no caso a Klabin, chegava a abastecer 80% do mercado nacional (produção que iniciou em 1946). Esse percentual veio caindo ao longo dos anos à medida que a carga tributária aumentava.

A Norske Skog deverá ser a única produtora no Brasil, mas já estava desistindo de instalar uma nova máquina no País – quando veio a proposta do projeto do governo para corrigir as distorções que inviabilizam o interesse nos investimentos para a produção de papel imprensa no Brasil. A mesma máquina cuja instalação na França, por exemplo, custa US\$ 380 milhões, no Brasil custaria R\$ 500 milhões. A diferença é basicamente o resultado de impostos sobre investimentos. Por outro lado, não fossem os impostos em cascata, o país poderia estar exportando cerca de US\$ 300 milhões por ano de papel imprensa, passando de deficitário a superavitário nesse tipo de papel.

Isonomia para papéis correlatos

A Bracelpa- Associação Brasileira de Celulose e Papel pleiteou que governo incluísse no programa destinado ao papel de imprensa, os demais papéis imunes .

Segundo o diretor executivo da Bracelpa, Mário Higino Leonel, os papéis para imprimir e escrever destinados à impressão de livros, jornais e periódicos, fabricados no País, enfrenta, igualmente a mesma concorrência adversa ao produto importado, que entra no país totalmente desonerado de impostos, enquanto o produto nacional é tributado ao longo da sua cadeia produtiva, o que fere a isonomia com o produto estrangeiro. A Bracelpa fez a solicitação junto ao Secretário Executivo da Câmara de Comércio Exterior, Roberto Gianetti da Fonseca. 

Projetos identificam os genes do eucalipto

objetivo é acelerar o ciclo de crescimento

Eliane Barbosa



s números da indústria de celulose e papel realçam cada vez mais a importância da cultura do eucalipto para a economia brasileira. Por isso, uma enorme rede formada por governo, indústrias e Universidades trabalha concentradamente em pesquisas para decodificar os genes da árvore de eucalipto.

Há dois projetos de pesquisas independentes dentro do setor florestal que já mostram resultados significativos.

Um é o projeto Forests – Eucalyptus Genome Sequencing Project Consortim ou Genoma Eucalipto, uma parceria entre o consórcio formado pela Companhia Suzano, Votorantim, Ripasa e Duratex, além

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), e três universidades estaduais (USP, UNICAMP e UNESP).

Com início em outubro de 2001, a primeira fase do projeto foi concluída pela Forests - que catalogou 110.000 seqüências de DNA do eucalipto. A Fapesp investiu US\$ 530 mil, enquanto as empresas entraram com R\$ 500 mil.

A pesquisa já fez a seqüência de DNAs expresso de folhas, raiz, madeira, sistema reprodutivo, caule e brotações jovens, e trabalha na seqüência de madeira. Outros genes de interesse para a produção de celulose também já foram identificados. Do total de 110.000 ESTs sequenciados formados por aproximadamente 27.500

clusters (grupos de seqüências com similaridades entre si), dos quais – cerca de 21.000 referem-se a genes conhecidos e perto de 6.800 (25%) são genes novos, ou seja, não têm representantes já sequenciados depositados nos bancos de dados internacionais.

Já na segunda fase do projeto, os pesquisadores trabalham a identificação e o estudo da expressão dos genes de interesse para o projeto, como os relacionados à qualidade da madeira, produção de celulose e lignina, resistências às doenças e ao frio, estresse hídrico, comprimento da fibra, densidade da madeira, entre outros.

A proposta da pesquisa é melhorar a qualidade da madeira e promover condições para acelerar o ciclo do crescimento do eucalipto, elevar a produtividade da floresta, baixar os custos de produção do papel, celulose e produtos florestais e ainda reforçar a competitividade das empresas brasileiras nos mercados interno e externo. A prática dessas tecnologias já será possível em 3 anos.

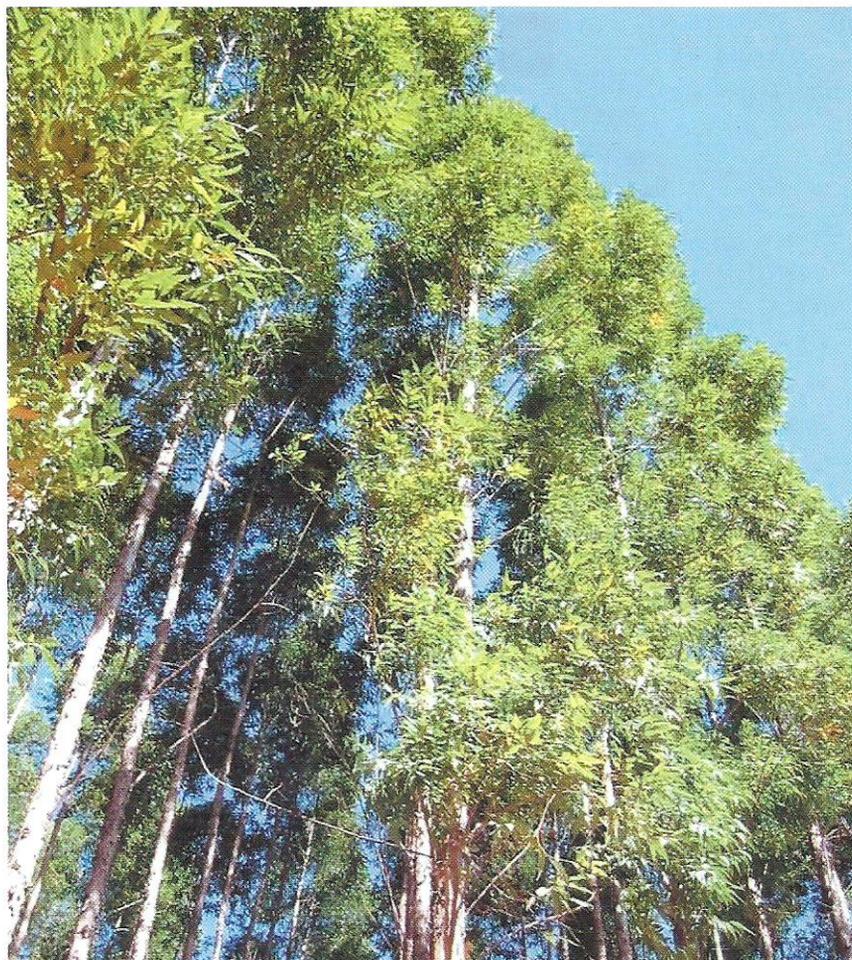
O Brasil está entre os três maiores fornecedores mundiais de papel para imprimir. É o maior produtor de fibras originárias do eucalipto, detendo 45% das vendas desta fibra, segundo dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Genolyptus

Paralelamente, o Genolyptus – ou Rede Nacional de Pesquisa do Genoma do Eucalyptus, apoiado e financiado pelo governo federal, com participação de 12 empresas do setor florestal, 7 universidades de todo o país e 3 centros da Embrapa, denominado Genolyptus tem o objetivo de melhorar a qualidade da madeira e evitar doenças provocadas por fungos e bactérias.

Anunciado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso o alvo do projeto é aumentar a competitividade das empresas brasileiras.

Na pesquisa serão usadas plantações espalhadas por todo o território nacional, em que se estudará as melhores formas de aumentar a produção, diminuir a poluição das industriais e criar plantas mais resistentes a doenças. Os primeiros resultados serão verificados em dois anos e meio. O projeto Genolyptus tem duração prevista de seis anos e vai receber, ao todo, R\$ 12 milhões. Ele



integra uma rede de contribuições formada pela Aracruz Celulose, Bahia Sul Celulose, Celmar Indústrias de Celulose e Papel, celulose Nipo-Brasileira, International Papel do Brasil; Jarcel Celulose, Klabin /Riocell, Lwarcel Celulose e Papel, Rigesa Celulose, Papel e Embalagens, Veracel Celulose, Votorantim Celulose e Papel, Zanini Florestal, Universidade Católica de Brasília, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Lavras, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Embrapa.

A maior plantação do mundo

O País tem, hoje, a maior área plantada de eucaliptos do mundo, uma produção de mais de 3 milhões de toneladas por ano. Dos 300 milhões de metros cúbicos de madeira consumidos por ano, cerca de 100 milhões são eucaliptos, planta originária da Austrália.

As indústrias nacionais que usam o eucalipto para a produção de celulose representam 4% do PIB do País, 8% das exportações e geram, aproximadamente, 150 mil empregos.

Brasil tem logística e processos emperrados

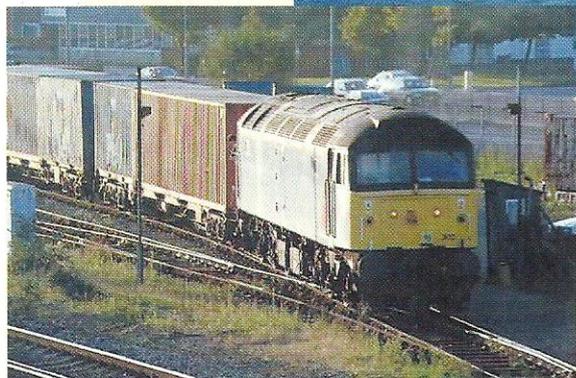
Grupos atuantes em comércio exterior trabalham para eliminar gargalos e propôr soluções para sobreviver no mundo globalizado.



objetivo da logística é colocar o produto no lugar certo, a preço competitivo e com qualidade assegurada. Com a entrada do Brasil na era da Logística, logo após o Plano Real, a necessidade de dar competitividade aos produtos deixou claro que o controle e planejamento da cadeia produtiva, desde a compra da matéria-prima até a entrega do produto final, era essencial para competir no mundo globalizado. Mas todo o caminho a percorrer para que a cadeia logística flua de forma a atender a demanda dos requisitos do comércio

global apresenta obstáculos aparentemente insuperáveis. Para remove-los o Brasil trabalha aceleradamente para expandir suas exportações, vencendo as barreiras que possam conte-la, consciente de sua importância estratégica para o desenvolvimento econômico e social. Busca sobreviver no mercado globalizado que não perdoa quem não agrega em seus produtos valores competitivos capazes de superar a concorrência.

O governo, através do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, a Camex e outros Ministérios, alia-se a colaboradores como a AEB – Associação de Comércio Exterior do Brasil, para buscar uma reforma tributária modernizadora, que estimule a produção e o emprego. Busca também uma crescente política de financiamento à exportação baseada em mercado e Proex (com equalização de taxas de juros em relação ao mercado internacional); substituição cada vez mais crescente das importações através da paridade de isenções de tributações com gravames sociais e outros; garantias securitárias que complementam e formam uma rede de proteção para os financiamentos . E, nesta linha, a AEB já propôs um anteprojeto que- através de lei ou medida provisória – estabeleça um Fundo de Apoio a Programas de Exportação (FAPEX). Trabalha-se sobretudo em ajustes que eliminem a vulnerabilidade do setor externo, decorrente do déficit no balanço de transações correntes e da crescente dependência de importação e de capital externo – eliminando declaradamente o viés antiexportador decorrente da postura arrecadadora dos Estados, bem como as práticas administrativas e políticas inadequadas e que contribuam para prejudicar o comércio exterior brasileiro. As soluções buscadas são obtidas mediante programas capazes de dar garantias tais como: não tributação dos produtos na exportação; favorecer a competição através de recursos e sistema apropriado para financiar vendas externas de mercadorias e serviços e, cobertura de riscos nas operações (o que todos os



países produtores e vendedores de bens com maior valor agregado têm).

Entraves & Burocracia

Governo e empresários pretendem viabilizar o aumento de negócios no mercado externo e sustentar este espaço via redes de apoio, estocagem, promoção e marketing. É preciso garantir, sobretudo, avanços reais em logística para fortalecer o mercado interno e dar saltos significativos no externo. Persistem sérios entraves que vão desde o preenchimento de 16 documentos para exportação de manufatura, ou seja, entre a fábrica e o porto de embarque, até o retardo no trânsito dos processos, a lentidão nas comunicações e a superposição de instâncias decisórias conflitantes em todas as áreas de comércio exterior que muitas vezes inutilizam os esforços no sentido de melhorar o desempenho das exportações.

Entre as várias etapas existe uma, em particular, que encarece sobremaneira os produtos brasileiros: o transporte. O custo de transporte representa a maior parcela dos custos logísticos na maioria das empresas. Ele pode variar de 4% a 25% do faturamento bruto e, em muitos casos, supera o lucro operacional. O sistema de transporte no Brasil está passando por um momento de transição no que se refere as possibilidades de utilização de mais de um modal na movimentação de cargas por toda a cadeia de suprimentos. Isso ocorre principalmente pelos processos de privatização de ferrovias e portos, execução de obras infra-estruturais e também pela iniciativa de vários embarcadores e prestadores de serviços logísticos.

Os produtos transportados por mais de um modal são predominantemente commodities – caracterizados como mercadoria de baixo valor agregado. E, para que estes produtos sejam competitivos é indispensável um sistema de transporte eficiente, com custos compatíveis com seu valor de mercado. Para produtos de maior valor agregado, o fluxo de transporte por mais de um modal é bastante insipiente no Brasil. O desenvolvimento harmonioso da infra-estrutura no setor é essencial para baratear os produtos de consumo interno e para aumentar a competitividades nas exportações. No Brasil muitos portos ficam entulhados com milhares de toneladas de produtos transportadas por caminhões (63% do total das cargas existentes), enquanto poderiam ser enviadas via trens (apenas 20%).



Porto do Rio Grande (RS)

A solução logística da multimodalidade – fator que impulsiona a redução de custos e portanto aumenta o poder de competitividade dos produtos de exportação – ganhou força suplementar no Brasil a partir da criação do OTM – Operador de Transporte Multimodal (Lei 9.611/98), que levou dois anos e dois meses para ser regulamentado, através do decreto 3.411/2000. Esta lei define o transporte multimodal de cargas como aquele que, regido por um único contrato, utiliza duas ou mais modalidades de transporte, desde a origem até o destino, e é executado sob a responsabilidade única de um OTM.

Um comitê formado na AEB, sob a coordenação de seu presidente, Benedicto Moreira, examina detidamente os entraves que ainda emperram o dinamismo necessário ao transporte Intermodal. A atividade faz parte da Câmara de Logística Integrada de Comércio Exterior – CLI. A AEB – Associação de Comércio Exterior do Brasil, formou o grupo de trabalho do sistema multimodal com o objetivo de apresentar sugestões concretas aos órgãos governamentais, sob encomenda do próprio Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Especialistas de todos os modais de transportes e representantes da CAMEX – Câmara de Comércio Exterior estiveram presente nas inúmeras reuniões realizadas, que resultaram numa proposta para eliminar a incidência do ICMS sobre a prestação de serviço de transporte multimodal de cargas, entregue ao Confaz.

Moreira apresentou o relatório para o Ministro Sérgio Amaral, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior: “Se o Estado abrir mão do ICMS, a menor carga tributável vai refletir no aumento das exportações, gerando empregos e salários no local da produção e minimizando o chamado “custo Brasil”.

Alôr José Gomes

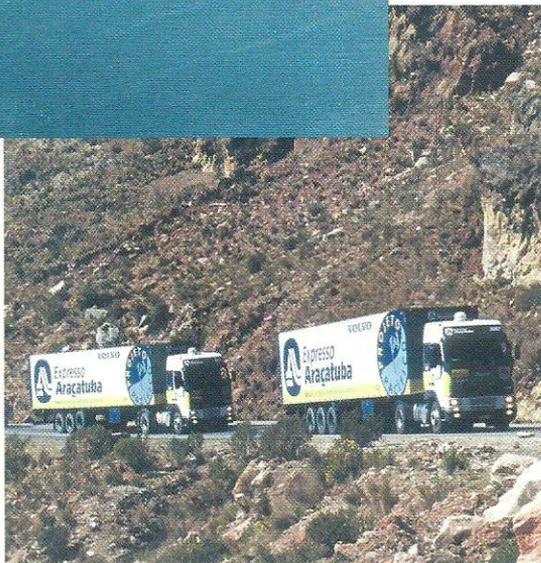
Só a competitividade diminui a dependência externa do País

Os empresários brasileiros comemoraram a proposta do Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Sérgio Amaral, preconizando a isonomia entre os produtos brasileiros de exportação e seus concorrentes internacionais. O primeiro resultado prático dessa medida impediu que novos investimentos na produção de papel jornal fossem desviados para outro país, gerando empregos em país concorrente em detrimento de nossa almejada auto-suficiência.

O fim gradual da cumulatividade do PIS e Cofins sobre a cadeia produtiva dos produtos

de exportação defendido pelo Ministro foi, até há pouco, um tabu insuperável na política econômica ortodoxa do Governo. Os executivos da área de comércio exterior estão vendo uma nova postura do governo, certamente referendada pelo presidente FHC, a quem Amaral tem acesso e conta com total confiança. Até porque, o Ministro do Desenvolvimento encomendou a Benedicto Moreira, da AEB- Associação de Comércio Exterior do Brasil, estudos urgentes para simplificar as leis e portarias que entravam as exportações, a logística para o setor (desde a infra-estrutura da fábrica aos portos) e a expansão do crédito e securitização das exportações, dentre outras ações, num total de 7 itens em avaliação prática por câmaras de estudo, formada por Moreira na AEB. E mais: o Ministro contratou o economista e professor da Unicamp, Luciano Coutinho, para coordenar o estudo urgente de duas dezenas de cadeias produtivas com potencial de exportação, para balizar, ainda neste ano, as negociações brasileiras em andamento para a criação da ALCA e entre o Mercosul e a União Européia, dando início à formação e embasamento de uma política industrial com enfoque para a competitividade no comércio exterior.

Se o Brasil não se preparar quando abrir suas fronteiras em face desses acordos, a desgravação tarifária acabará beneficiando os concorrentes que chegarão afoitos ao nosso cobiçado mercado, em detrimento dos produtos nacionais de vasto potencial de exportação. É para evitar essa invasão que o embaixador Rubens Ricupero alertou para que nossos negociadores partissem de uma base tarifária mais elevada, como as variáveis aceitas pela OMC até o teto de 35%, e não das tarifas efetivamente praticadas na importação brasileira, consideradas baixas (média de 14,5%). O MDIC considera mais rápida a resposta de setores dinâmicos e exportadores permanentes, que geram saldos, para o objetivo de gerar superávites maiores que venham a



suportar a estabilidade econômica alcançada, mas desse forma a permitir a retomada do crescimento e a substituição das importações nos segmentos excessivamente deficitários, como o eletroeletrônico (US\$ 9 bilhões em 2001) e petroquímico (em 2001, US\$ 7 bilhões).

Não por acaso, o economista Luciano Coutinho foi escolhido pelo Ministro do Desenvolvimento. Ele coordenou um estudo que demarca os setores produtivos e aponta os caminhos para o crescimento da competitividade de nossa indústria.

Coutinho afirmou que o País deveria buscar grandes superávites comerciais, que possam constituir um colchão de segurança para o crescimento. Pode-se discutir se o País precisa, de fato, de superávites iguais ou superiores a US\$ 18 bilhões, mas parece claro que uma conta solidamente positiva será necessária, se quiser diminuir, de forma significativa, a dependência da poupança externa. Aliás, quanto menor essa dependência, maior a facilidade para atrair capital estrangeiro, porque maior será a segurança dos investidores e financiadores.

O economista propõe a adoção de políticas temporárias de apoio a setores selecionados, com juros compatíveis com o mercado internacional e atração de investimentos, tanto para substituição de importações quanto para exportações. Ele recomenda, além disso, a formulação de políticas não para indústrias isoladas, mas para cadeias produtivas. A reforma tributária será uma contribuição fundamental para a competitividade. Essa não é uma questão ideológica, é pragmática, comercial, como observou Luciano Coutinho, e esses são temas para uma discussão construtiva, exatamente como se faz nos países que concorrem com o Brasil.

Pesquisa identifica setores competitivos

Luciano Coutinho foi um dos coordenadores do Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira, que defendeu as reformas da Constituição como uma necessidade emergente para a melhoria da produtividade nacional.

Contratado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e concebido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia - na época, Secretaria de Ciência e Tecnologia da Presidência da República, o trabalho foi realizado sob a coordenação técnica dos professores Luciano Coutinho (Unicamp) e João Carlos Ferraz



(UFRJ) e teve como objetivo avaliar a situação das indústrias brasileiras e, além disso, buscar soluções para serem aplicadas na adequação da indústria nacional à realidade do mercado mundial.

Segundo Coutinho, um dos maiores entraves à melhoria da competitividade das empresas nacionais é a atual estrutura política, fiscal, administrativa e ética do país. “As reformas constitucionais, principalmente a fiscal, são urgentes.”

Para ele, o objetivo do Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira foi mostrar que, diante de um mercado que surgia, extremamente competitivo, havia consciência das falhas existentes na política de industrialização adotada (pouco investimento em pesquisa e desenvolvimento, por exemplo). O trabalho contou com o apoio do Banco Mundial e de um consórcio integrado por 13 instituições lideradas pela Unicamp e pela UFRJ. Além de avaliar a situação das indústrias brasileiras, o ECIB teve como objetivo buscar soluções e medidas práticas a



Competitividade

serem aplicadas para adequar a indústria nacional à economia internacional, em processo de globalização. Foram analisadas, com profundidade, as condições básicas para se ter empresas mais competitivas, identificando falhas internas das gestões empresariais e os fatores externos - políticos, econômicos, fiscais, administrativos e éticos - como influenciadores desse processo.

O estudo solicitado pelo Ministro Sérgio Amaral, não pretende ser estático, completo e acabado. A busca de competitividade é um processo extremamente dinâmico. Para Coutinho, novos debates precisam ser realizados constantemente no sentido de acompanhar a evolução da indústria brasileira e detectar novos desafios a serem vencidos. Dentre esses, a necessidade urgente de se efetuar as reformas fiscais que propiciem, e até mesmo estimulem, o investimento produtivo; a criação de condições favoráveis à educação e ao crescimento de empregos; reestruturar o Estado - para que este seja compatível com a nova realidade econômica - ; reestruturar o sistema empresarial e implementar as estratégias setoriais de desenvolvimento competitivo para a indústria.

Para enfrentar os desafios do Mercosul e do mercado externo é preciso, entre outras coisas, mostrar competitividade. Os setores com capacidade competitiva são os que fazem parte do complexo agro-industrial (soja, café, e suco de laranja), complexo químico (petróleo e petroquímica), complexo metalmeccânico (minério de ferro, siderurgia,

alumínio) e complexo de celulose e papel (celulose e papel). O principal fator que determina essa competitividade da indústria brasileira é o baixo custo das matérias-primas, já que contamos com boas reservas de recursos naturais. O que limita as exportações, no entanto, é o excesso de oferta mundial desses produtos e com isso a queda de preços nos mercados internacionais. Já os setores com baixa capacidade competitiva são os que integram o complexo industrial (abate, laticínios), complexo químico (fertilizantes), complexo metalmeccânico (automobilística e autopeças), complexo eletrônico (bens eletrônicos de consumo), complexo têxtil (têxtil, vestuário, calçados de couro), complexos de materiais de construção (cimento, cerâmicas de revestimento, plásticos para construção civil), complexo papel e celulose (gráfica), extracomplexo (móveis de madeira).

Apesar de o Brasil ter alcançado, em 1980, a diversificação da produção e um alto grau de integração intersetorial, as empresas nacionais não desenvolveram, paralelamente a esse avanço, o seu potencial de criação, de inovação. Somava-se ao pequeno esforço e capacidade de desenvolver novos processos e produtos a ausência de padrão para definir a especialização da indústria nacional e a falta de real integração com o mercado internacional. Para que fossem corrigidos estes e outros desvios da industrialização brasileira, seria preciso formular e implantar uma política industrial e tecnológica. Com a crise macroeconômica (a dívida externa e conseqüente desorganização das finanças públicas), o Estado ficou de "mãos atadas", não podendo efetivar os investimentos necessários.

Investimento tecnológico

A inovação tecnológica é ponto chave para o real desenvolvimento da indústria brasileira. Só assim ela poderá competir no mercado internacional e suportar a concorrência interna. Coutinho assinala que durante vários anos o Brasil apenas importou tecnologia de outros países, não se preocupando ou se esforçando para criar uma tecnologia própria. Com isso, a economia fica estagnada, não se desenvolve. O único caminho é a inovação tecnológica, o investimento em estudos e pesquisas. Este é o instrumento central da estratégia competitiva das empresas, avalia o economista. 



PRODUÇÃO DE PASTAS CELULÓSICAS

(em toneladas)

	2001	mai/02	mai/01	Var.%	Acum./02	Acum./01	Var.%
Produção	7.412.027	612.714	583.556	5,0	3.135.484	3.008.772	4,2
Vendas Domésticas	711.727	64.418	60.561	6,4	303.184	300.654	0,8
Vendas Externas	3.196.888	261.332	271.018	-3,6	1.260.957	1.174.163	7,4

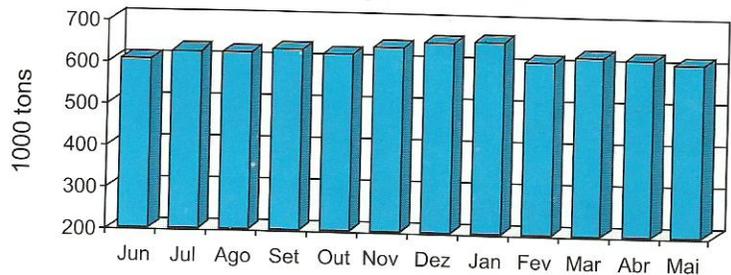
Pasta Celulósicas

A produção brasileira de celulose e pastas, alcançou no mês de maio um total de 613 mil toneladas, apresentando crescimento de 5,0%, no acumulado do ano o crescimento atingiu 4,2%.

As exportações apresentaram crescimento de 7,4% no acumulado do ano.

O mercado doméstico cresceu 6,4% no mês e 0,8% no acumulado do ano. Dados comparados com mesmo período do ano anterior.

Produção de Pastas



PRODUÇÃO DE PAPEL (em toneladas)

	2001	mai/02	mai/01	Var.%	Acum./02	Acum./01	Var.%
Produção	7.437.767	634.242	615.210	3,1	3.138.112	3.063.046	2,5
Consumo Próprio	1.442.537	125.433	615.210	-2,5	614.394	613.044	0,2
Vendas Domésticas	4.785.110	397.010	401.225	-1,1	1.956.203	1.905.919	2,6
Vendas Externas	1.221.129	109.320	114.675	-4,7	520.495	521.766	-0,2

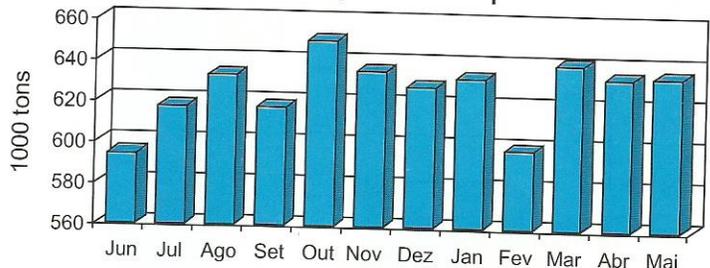
Papéis

A produção brasileira de papéis alcançou em maio um total de 634 mil toneladas, crescimento de 3,1%, no acumulado do ano o crescimento atingiu 2,5%. As exportações apresentaram estabilidade (-0,2%) no período.

O mercado doméstico + consumo próprio decresceu (-1,4%) no mês e no acumulado do ano cresceu 2,1%. Dados comparados com mesmo período do ano anterior.

O consumo próprio é o volume transformado pela empresa integrada no produto final. Exemplo: papelão ondulado, formulário contínuo, envelopes, autocopiativos, térmicos, tubetes etc.

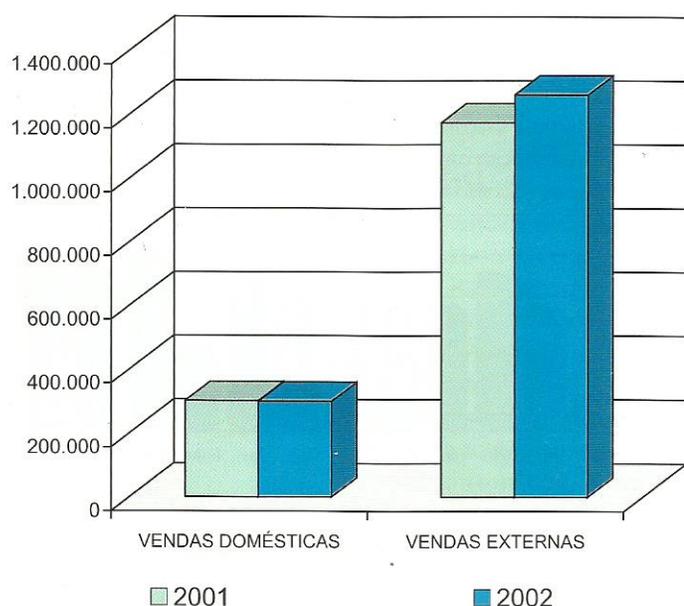
Produção de Papel



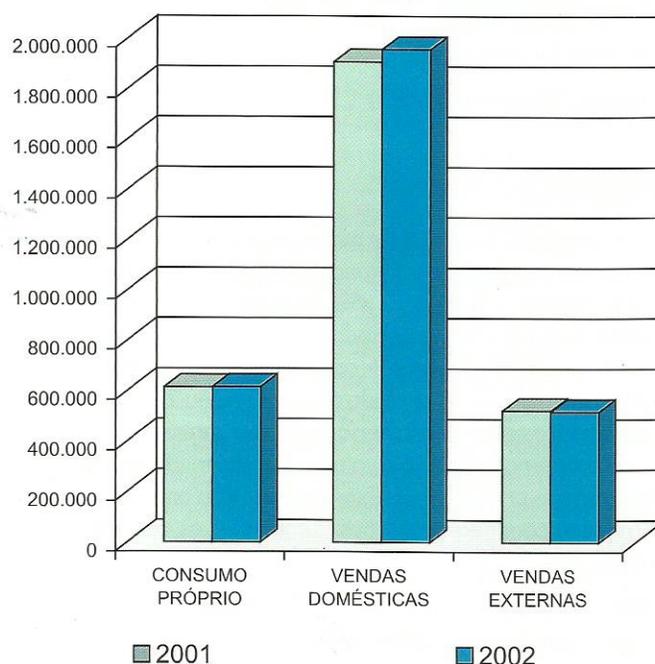
DESTINO DA PRODUÇÃO DE PASTAS CELULÓSICAS (em toneladas)

VENDAS DOMÉSTICAS	jan-mai/01	jan-mai/02*	Var. %
	300.654	299.160	-0,5
FIBRA LONGA	29.032	26.046	-10,3
Branqueada	12.140	11.198	-7,8
Não Branqueada	16.892	14.848	-12,1
FIBRA CURTA	244.709	2.312.465	4,3
Branqueada	238.565	2.211.927	3,8
Não Branqueada	6.144	100.538	17,4
PAR	26.913	185.252	-9,8
VENDAS EXTERNAS	jan-mai/01	jan-mai/02*	Var. %
	1.174.163	1.260.878	-7,4
FIBRA LONGA	312	173	-44,6
Branqueada	167	69	-58,7
Não Branqueada	145	104	28,3
FIBRA CURTA	1.173.781	1.260.705	7,4
Branqueada	1.165.685	1.256.804	7,8
Não Branqueada	8.095	3.901	-51,8
PAR	70	0	0

DESTINO DA PRODUÇÃO DE CELULOSE
(em toneladas)



DESTINO DA PRODUÇÃO DE PAPEL
(em toneladas)



DESTINO DA PRODUÇÃO DE PAPEL (em toneladas)

CONSUMO PRÓPRIO	jan-mai/01	jan-mai/02*	Var. %
	613.044	614.578	0,3
IMPrensa	0	0	0,0
IMPRIMIR e ESCREVER	11.999	8.866	-26,1
EMBALAGEM	595.430	601.387	1,0
SANITÁRIOS	0	0	0,0
PAPEL CARTÃO	3.610	3.212	-11,0
OUTROS PAPÉIS	2.005	1.113	-44,5
VENDAS DOMÉSTICAS			
	1.905.919	1.955.881	2,6
IMPrensa	84.572	93.342	10,4
IMPRIMIR e ESCREVER	566.616	604.730	6,7
EMBALAGEM	686.840	677.341	-1,4
SANITÁRIOS	251.762	260.275	3,4
PAPEL CARTÃO	175.492	181.124	6,2
OUTROS PAPÉIS	140.637	139.069	-1,1
VENDAS EXTERNAS			
	521.766	518.365	-0,7
IMPrensa	3.924	1.833	-53,3
IMPRIMIR e ESCREVER	283.195	263.847	-6,8
EMBALAGEM	182.561	195.873	7,3
SANITÁRIOS	3.225	11.193	247,1
PAPEL CARTÃO	33.866	30.749	-9,2
OUTROS PAPÉIS	14.995	14.870	-0,8

Mercado mundial de papel e expectativas futuras

A produção mundial de todos os tipos de papel, declinou 2,1% em 2001, quebrando a tendência de crescimento ocorrida nos últimos 18 anos, atingindo 308,4 milhões de toneladas. Os maiores declínios ocorreram na América do Norte (-5,5%); Japão (-3,3%) e Europa Ocidental (-2,8%).

Os aumentos ocorridos na China, Europa Central e Rússia, grande parte por melhoria de utilização da capacidade instalada, compensaram parcialmente os declínios do resto do mundo.

Para 2002, com uma expectativa de crescimento do PNB mundial de 1,5%, espera-se uma recuperação global do mercado de papéis de 2%, com a Europa crescendo 2,2% e uma contribuição modesta da América do Norte, Japão, onde o aumento não deve superar 1%.

Para o próximo ano, está previsto um crescimento de 3% do PNB mundial, com um expressivo aumento de 3,4% na produção de papéis, em parte justificado pela necessidade de recomposição dos estoques.

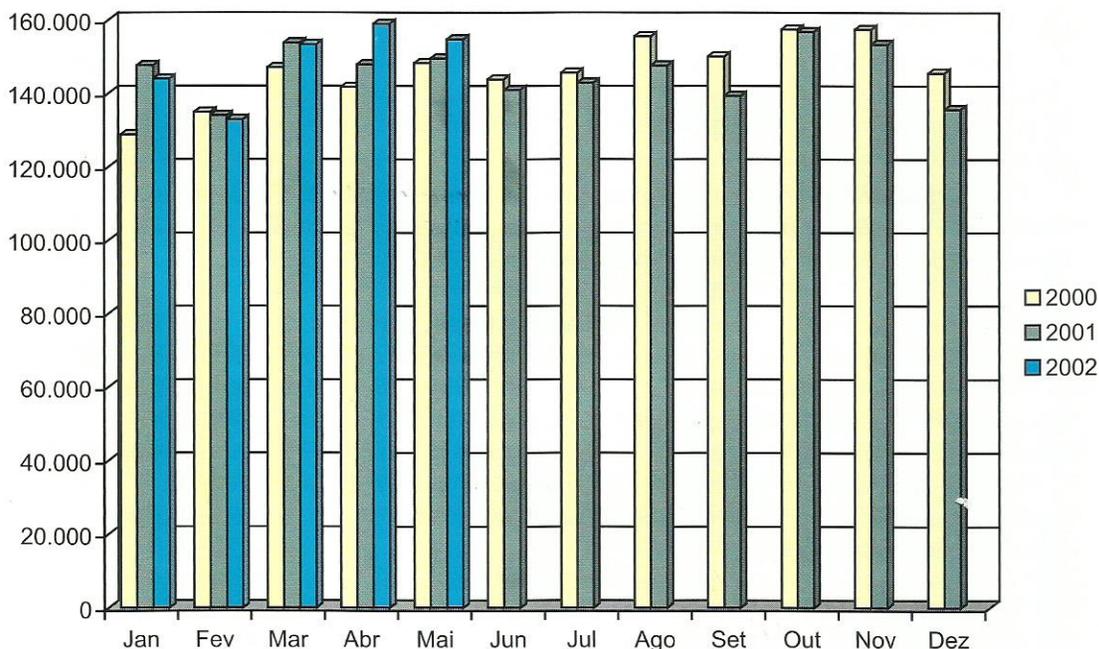
Para 2004, espera-se um retorno da tendência secular de crescimento de 2,8% ao ano.

Associação Brasileira do Papelão Ondulado

Expedição Brasileira de Papelão Ondulado - (em toneladas)

Mês	2000	2001	Var. Mensal 201/2000	Var. Acum. 2001/2000	2002	Var. Mensal 2002/2001	Var. Acum. 2002/2001
Jan	128.82	147.637	14,60	14,60	143.925	-2,51	-2,51
Fev	134.836	133.975	-0,64	6,81	132.895	-0,81	-1,70
Mar	147.027	153.771	4,59	6,01	153.347	-0,28	-1,20
Abr	141.708	147.880	4,36	5,59	158.956	7,49	1,00
Mai	148.250	149.508	0,85	4,59	154.763	3,51	1,52
Jun	143.833	140.898	-2,04	3,46			
Jul	145.571	142.865	-1,86	2,68			
Ago	155.521	147.550	-5,13	1,62			
Set	150.006	139.275	-7,15	0,60			
Out	157.449	156.777	-0,43	0,49			
Nov	157.492	153.387	-2,61	0,19			
Dez	145.533	135.634	-6,80	-0,39			
Total	1.758.049	1.751.158		-0,39	743.886		
Média Mensal	146.504	145.930			148.777		

Expedição Brasileira de Papelão Ondulado



AS CORES NO PAPEL
CORES DA NATUREZA



Verde, vermelho, amarelo, azul, magenta, árvore, flor, céu, mar,
terra, marrom, violeta, camaleão, tinta, papel, natureza, criação.



STUDIOA - EDITORA - GRÁFICA - FOTOLITO
O papel da côr. As cores no papel.

(011) 4975-5633 - studioa@astudioa.com.br

Klabin troca de comando



Miguel Sampol Pou é o novo diretor geral da companhia

A Klabin S.A. maior fabricante nacional integrado de papel, celulose e produtos de papel, anunciou a mudança da direção geral da empresa. Miguel Sampol Pou (foto), Diretor de Operações na Klabin desde 1992, acaba de ser nomeado o diretor geral da Klabin, no lugar de Josmar Verillo, no cargo havia 4 anos.

De imediato o executivo tem duas diretrizes prioritárias: manter o foco no setor de embalagem e madeira. Ele tem dúvida quanto à terceira linha de negócio: "A companhia poderá sair da área de celulose ou de papel tissue", afirma o novo diretor. A venda de atividade e operação dos dois setores servirá, segundo Pou, para reforçar o foco da Klabin que é voltar a realizar grandes investimentos, sobretudo no principal negócio da companhia que é o setor de embalagem, responsável por 57% da receita do ano passado. Segundo ele, a previsão é que esse segmento represente 64% do faturamento do conglomerado no próximo ano.

Miguel Sampol Pou, 62 anos, é brasileiro com mestrado em engenharia industrial pela Universidade de Stanford (EUA). Nos últimos 30 anos dirigiu empreendimentos de grande porte, envolvendo negócios no Brasil, nos Estados Unidos, Europa e Japão. Durante 27 anos trabalhou no grupo CAEMI, onde ocupou cargos de direção nos negócios de mineração e de madeira, no planejamento de empresas e como presidente da Jari Celulose. Na Klabin ocupou o cargo de diretor de planejamento, diretor superintendente da subsidiária Riocell e, atualmente, diretor de operações, responsável pelas operações e desempenho das unidades de negócios da empresa.

O Grupo tem novo Diretor de Assuntos Corporativos

O cargo foi ocupado por Wilberto Luiz Lima Junior, a quem caberá a responsabilidade pelos processos de comunicação do Grupo Klabin junto aos públicos interno e externo (autoridades governamentais e imprensa). Wilberto trabalhou nos últimos 14 anos na White Martins, onde, também como Diretor de Assuntos Corporativos, foi responsável por todas as atividades de Comunicação das empresas do grupo, em nove países da América do Sul, incluindo comunicação corporativa, interna e de marketing, relações com a imprensa, projetos sociais e culturais, bem como relações com formadores de opinião (Governo, Congresso, Associações de classe e ONG's diversas). Wilberto será membro do Comitê Executivo e seu escritório será na rua Formosa.

q buscar | ok | Notícias | Mostreador | Fale conosco

Qualquer um vê a diferença entre uma folha de papel e uma folha de Report

Produtos
Distribuidores
Campanhas
Merchandising
Feiras e Eventos
Promoções
Prêmios
Armazenagem
Manual de Marca

english | español

Visite também:
www.suzano.com.br
www.reportonline.com.br
www.bahiasul.com.br

REPORT
A MARCA DO PAPEL

Novo site do Report

Já está no ar o novo site do Report, elaborado pela Cia. Suzano. A página apresenta várias informações para revendedores e clientes do papel Report, desde distribuidores, campanhas publicitárias, eventos, promoções, entre outras coisas. O endereço é: www.reportonline.com.br

Bracelpa tem nova diretoria

A nova diretoria, gestão 2002-2004, da Bracelpa – Associação Brasileira de Celulose e Papel toma posse no próximo dia 23 de julho. Osmar Zogbi é o novo presidente e Boris Tabacof foi eleito o presidente do Conselho Deliberativo. A diretoria do biênio 2002-2004 ficará assim: Osmar Elias Zogbi – presidente; Raul Calfat – 1º Vice-Presidente; Miguel Sampol Pou – Vice-Presidente; Carlos Augusto Lira Aguiar – Vice-Presidente e Murilo C.L.S Passos – Vice-Presidente.

A Vice-Presidências de Produtos ficará assim:

Carlos Augusto Lira Aguiar – VP Celulose de Mercado; Vida Lerstad – VP Papel Imprensa; Raul Calfat – VP Papel para imprimir e Escrever; Mauro Antonio Cerchiari – VP Papel LWC; Donald Mota – VP Papel para embalagem; Walter Zarzur Derani – VP Papel Cartão; Ruy Aidar – VP Papéis Sanitários; Ítalo Trombini Filho – VP Base reciclável; Alfredo Cláudio Lobi – VP Base Florestal; Mario Higino N.M. Leonel – Diretor Executivo.

O Conselho Deliberativo será formado por:

Boris Tabacof – Cons. Presidente; Horácio Lafer Piva – Cons. Vice-Presidente – Horácio Lafer Piva; Armando Klabin, Daniel Feffer, Daniel Klabin, Dante Emilio Ramenzoni, David Feffer, Erling Lorentzen, Erton Sesquim Sanchez, Fernando Henrique Fonseca, José Claudio Sardinha, José Mario Augusto, José Roberto Ermírio de Moraes, Lenomir Trombini, Miguel Lafer, Murilo Ribeiro de Araújo, Odair Alonso Garcia, Otto Roberto Herbst e Pedro Franco Piva.



Osmar Elias Zogbi



Boris Tabacof

Bracelpa incentiva leitura de livros

A Bracelpa junto com a CBL - Câmara Brasileira do Livro - constituiu a Associação Biblioteca Cidadã. O objetivo é promover, num esforço conjunto com as principais entidades do setor livreiro do país, o crescimento das bibliotecas brasileiras. A Bracelpa está apoiando o desenvolvimento do setor editorial pelo caminho da inclusão do maior número possível de leitores de livros, a partir das bibliotecas públicas. O mercado editorial brasileiro tem cerca de 26 milhões de leitores adultos. Essa cifra é superior em 11% ao mercado da França, com 23,5 milhões e 8,5 vezes o número de leitores de Portugal, com um mercado de 3 milhões de consumidores.

No sentido horário, a partir da seta indicativa: José Carlos Bin Rossi (Brasil); Salvador Montes de Oca Fernanders (México); Oscar Alcantara (México); Antônio Sandez Garcia (México); Cláudio Torres (Argentina); Raimundo Grisandes (Venezuela); Eduardo Alvarez (Paraguai); Alfonso Ocampo (Colômbia); Rafael Gaviola (Argentina) e demais representantes.

Cicepla ratifica integração

A CICEPLA- Confederação da Indústria de Celulose e Papel da América Latina, presidida pelo brasileiro Boris Tabacof, esteve reunida em São Paulo, em junho, para aprofundar as discussões sobre a continuidade da integração do mercado intrazonal e fortalecer os laços de união dos países-membros (10) para as negociações em andamento visando a formação da ALCA e a integração Mercosul-União Européia. Esses temas levantados na Comissão III (foto) contaram com a experiência narrada pelo representante mexicano sobre a participação de seu país no NAFTA — juntamente com Estados Unidos e Canadá — onde as principais linhas de papel serão completamente desgravadas — até zerar a tarifa — num prazo de 5 anos. À margem da reunião os representantes do Brasil e da Argentina concordaram em manter o acordo de comércio selado antes os dois países no âmbito da CICEPLA.





VCP e IBM fazem parceria e lançam papel especial

De uma parceria entre a VCP e IBM, nasceu o papel especial IBM Paper, ideal para impressoras e copiadoras fabricadas pela VCP, sob licença de uso da marca IBM para o Brasil e América Latina. A escolha pela VCP na fabricação do papel, se deu por causa da diferença de seu produto, embalagem e de sua distribuição. Podem ser encontrados nas versões 75 e 90 g/m², formato A4, com maior brancura, opacidade e alta resolução.

MD Papéis: nova máquina

A MD Papéis lançará no final de julho uma máquina de papéis decorativos para laminados plásticos. Com esta nova máquina, a empresa terá um aumento de 21 mil ton/ano – hoje a capacidade é de 9 mil ton/ano – ou seja, espera aumentar para 30 mil ton/ano sua produção. O investimento da MD é da ordem de US\$ 25 milhões, sendo US\$ 15 milhões para área de produção.

Rumo a Johannesburgo

O Presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou recentemente, um conjunto de 21 propostas que serão apresentadas na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, que acontecerá de 26 de agosto a 04 de setembro, em Johannesburgo – África do Sul. Este encontro, uma continuação do Rio + 10, que aconteceu em 24 de junho, servirá para avaliar o progresso na questão do meio ambiente discutido na Eco-92. Espera-se a presença de cem chefes de Estado e cerca de 15 mil representantes da sociedade civil e de ONGs, para discutir quais das mais de 2.500 recomendações foram implementadas – e como fazer para que o sejam.

A Agenda 21 foi o principal subproduto da Eco-92, e tem seis áreas principais para discussão: agricultura sustentável – política florestal e controle do desmatamento -, cidades sustentáveis, infra-estrutura e integração regional, gestão dos recursos naturais – energia renovável -, redução das desigualdades sociais e ciência e tecnologia. O Presidente FHC espera que os temas principais sejam priorizados, sem que a desigualdade social, venha a ser o tema dominante do encontro. Fernando Henrique foi nomeado como um dos principais líderes da América do Sul, e como forma de fortalecer essa liderança, pressionou o Congresso pela aprovação do Protocolo de Kyoto e da Lei de Preservação da Mata Atlântica.

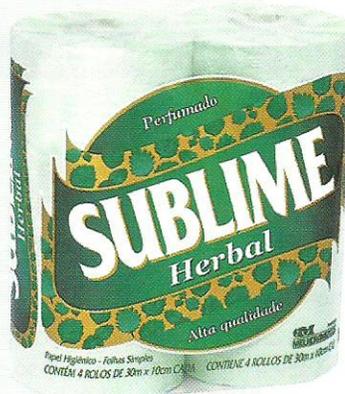
Voith Paper inaugura nova área de Service Center

A Voith Paper inaugurou em São Paulo, as novas instalações da divisão de serviços. O espaço, com 400m², é duas vezes maior que o anterior e visa oferecer aos seus clientes manutenção de rolos, contando com um dos maiores parques industriais da América Latina.

Novidades

Os consumidores já podem encontrar novas versões de papéis higiênicos no mercado. A Santher lançou o *Banheiro Fashion*, *Personal Colors*, folha dupla, com mais cor e perfume. A nova fragrância maçã verde veio logo após o sucesso do pêssego. Feito com 100% de celulose, a inovação abrange também a embalagem, com a ilustração de frutas ao invés de flores.

A novidade nos papéis da Melhoramentos é a versão colorida de sua marca Sublime, folha simples, nas fragrâncias *Sublime Floral*, cor salmão, e *Sublime Herbal*, cor verde. Também com 100% de fibras



virgens naturais, a nova versão complementa a linha colorida folha dupla, já apresentada anteriormente. Na linha infanto-juvenil, de lenço de papel Softy's, a Melhoramentos lançou embalagens que mostram animais extintos.

A idéia é que ao adquirir a nova embalagem, o consumidor passe a colaborar com a preservação da natureza e das espécies em extinção. A linha infanto-juvenil também possui outras embalagens com desenhos para colorir.

Ainda na linha de papéis sanitários, a Melhoramentos colocou no mercado a série "Novos Artistas", com ilustrações de pintores de várias modalidades. Podem ser encontrados no verso das embalagens, a foto dos artistas e um resumo de seus trabalhos.



ANOTE

- **26 a 28 de agosto:** 1º Eco ANAVE/Bracelpa, no Centro de Convenções Frei Caneca (Rua Frei Caneca 569), em São Paulo Simultaneamente, acontece o 27º Fórum de Análise do Mercado de Celulose. Para o evento, a ANAVE conta com a parceria da Bracelpa.
- **3 a 6 de setembro:** Escolar 2002 no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo. Informações: (11) 4191-8188 ou acesse o site: www.franca.com.br.
- **16 a 18 de setembro:** Seminário 1º Século da Atividade Florestal no País: Ecos da Rio + 10. Acontece na Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, em Rio Claro, São Paulo. Informações: Instituto Florestal (11) 62318585, ramais 221/254.
- **14 a 17 de outubro:** 35º Congresso e Exposição Anual de Celulose e Papel. No ITM - Expo, São Paulo. Informações: ABTCP (11) 38742714 ou no site www.abtcp.com.br.
- **24 a 25 de outubro:** O XXII ENAEX – Encontro Nacional de Comércio Exterior. O evento realiza-se no Centro de Convenções do Hotel Glória, no Rio de Janeiro. Informações (21)544-0048 / 262-8907 ou na homepage:www.aeb.org.br.

Cara a Cara com a ALCA

Mário Leonel

Com a intensificação, a partir de agora, do processo de negociações multilaterais para formação da ALCA-Área de Livre Comércio das Américas, é indispensável que todos os setores produtivos brasileiros se equipem com informação organizada, suporte técnico e inteligência estratégica, para poderem proteger seus interesses específicos em meio ao embate das demais ambições setoriais e nacionais que se acentuará nos próximos meses e anos.

Para um setor tradicional e crescentemente globalizado, como o de celulose e papel, essa necessidade se torna ainda mais premente, não só com vistas à formação da ALCA, mas também tendo em mente os debates na OMC-Organização Mundial do Comércio, a revitalização do Mercosul e sua interface com a União Européia, os processos *anti-dumping* e de acesso a mercados etc.

Por todas essas razões, atendendo a convite do presidente Boris Tabacof, o embaixador Luiz Felipe Lampreia, ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil, firmou contrato de consultoria com a Bracelpa para assessorar o setor na formulação de suas posições institucionais referentes às negociações para formação da ALCA e demais relacionamentos internacionais da indústria de celulose e papel.

No início de Fevereiro, o embaixador Lampreia reuniu-se com o corpo técnico da Bracelpa e com dirigentes de empresas associadas à entidade, para aprofundar-se nas características, preocupações e interesses setoriais no campo do comércio exterior.

O novo consultor internacional da Bracelpa fez também uma exposição sobre os próximos passos nas negociações para formação da ALCA, lembrando inicialmente que o BNDES e o IPEA deverão realizar proximamente um profundo estudo sobre os principais setores da economia brasileira, a fim de subsidiar nossos negociadores.

Informou Lampreia que o atual presidente norte-americano, George W. Bush, iniciou seu governo dando ênfase ao processo de integração continental, mas encontrou resistências no Congresso norte-americano, que hoje tem um perfil muito mais protecionista do que em anos passados. Apesar de ter aprovado a lei de *Trade Promotion Authority*, conhecida como *fast track*, essa aprovação ocorreu com apenas um voto de diferença e após os parlamentares terem incluído no texto todas as propostas protecionistas de interesse de seus constituintes locais e distritais. A lei aprovada prevê ainda mais de 50 casos que exigem autorização e monitoramento do Congresso, para evolução das negociações.

Em 2001 – disse o embaixador – o processo de negociações não teve grande aceleração, devido à recessão norte-americana, agravada pelo atentado de Setembro, mas neste ano o processo deverá ter revigorado impulso, não político e sim metodológico, culminando em Novembro, em reunião que será realizada em Quito, no Equador, quando o Brasil assumirá, ao lado dos Estados Unidos, a co-Presidência da fase final das negociações.

Essas negociações terão por objetivo, em princípio, promover a desgravação tarifária total de todos os produtos e serviços dos 34 países das três Américas no comércio entre eles realizado, em um período de cinco, dez ou, no máximo, 20 anos, a partir da assinatura do acordo. Espera-se, porém, que a maior parte dos produtos seja isentada de tarifas em até dez anos.

Em Maio próximo, na Venezuela, haverá uma reunião do Comitê de Negociações Comerciais, que é o órgão executivo do processo. Nessa reunião e durante o ano todo, os principais pontos de debate serão justamente referentes às características-chaves desse processo de abolição de tarifas.

Algumas dessas questões – que, segundo Lampreia, começam a tomar corpo neste ano – são a tarifa-base de cada produto em cada país, que será o ponto de partida do processo; a imposição, ou não, de prazos de carência; a extensão de tais carências; a regularidade ou periodicidade das reduções; e o prazo máximo de desgravação tarifária de cada produto: cinco, dez ou 20 anos.

Na certeza de que, como em outras ocasiões, o setor contará com o benefício do engajamento ativo e indispensável de suas principais lideranças neste processo – até porque de nosso êxito dependem a continuidade e ampliação do expressivo saldo positivo que vimos registrando na balança comercial brasileira – nossa entidade, alinhada com o lema *Bracelpa de Resultados*, criado pelo presidente Boris Tabacof, se fortalece com o concurso do embaixador Luiz Felipe Lampreia, para enfrentar com êxito um dos mais importantes e difíceis embates estratégicos de sua história de quase quatro décadas.

* Mário Hígino N. M. Leonel é diretor executivo da Bracelpa - Associação Brasileira de Celulose e Papel.





O ponto.com de
encontro das melhores
oportunidades de negócios
de gás natural e energia.



O GásEnergia é mais do que o maior portal de gás natural do Brasil. É o canal com um conteúdo completo sobre os agentes da indústria do gás, com links da Petrobras, das distribuidoras de gás do País, da Confederação Nacional da Indústria, bancos, outras entidades financeiras e demais interessadas no mercado de gás natural. Além das matérias especiais, dos dados técnicos e das principais informações do mercado, você também encontra eventos, colunas, cotações, pesquisa de mercado, newsletter, chats e várias ferramentas que vão abrir janelas para novos negócios e contatos profissionais. Acesse e confira.



PETROBRAS

Harmonia

com a

Natureza



FSC

SW-FMM/TFP/CCC-098
SW-FM/COC-187
SW-COC-690

FSC Trademark © 1996
Forest Stewardship Council A.C.

A Klabin é a primeira empresa do mundo a receber o certificado FSC (Forest Stewardship Council) pelo manejo de plantas medicinais em suas florestas no Paraná.

Recebeu também certificação FSC para 100% da sua produção de celulose e papel que tem como matéria prima o eucalipto proveniente de suas florestas no Rio Grande do Sul. Estas certificações atestam a gestão sustentada das suas operações florestais em harmonia com a natureza, que em 1998 lhe

renderam o título de primeira empresa do setor de papel e celulose das Américas a ter suas florestas certificadas por essa organização internacional. A rica biodiversidade das florestas nativas preservadas pela Klabin permite extrair insumos para a produção de medicamentos e cosméticos à base de plantas medicinais. Esse trabalho é totalmente desenvolvido com bases científicas e reforça o modelo Klabin de manejo sustentável dos recursos naturais nos aspectos econômicos, ambientais e sociais.



Klabin

